

MICHELE FRANCISCO CASSIANO
JORGE LUIZ MARQUES DE MORAES

**CADERNO DIDÁTICO:
DAS MARGENS PARA O
CENTRO: CORRIGINDO O
FLUXO DAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

RIO DE JANEIRO
CPII - MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS
DA EDUCAÇÃO BÁSICA
2021

**Das margens para o centro:
corrigindo o fluxo das aulas de
Língua Portuguesa**

MICHELE FRANCISCO CASSIANO
JORGE LUIZ MARQUES DE MORAES

**Das margens para o centro:
corrigindo o fluxo das aulas de
Língua Portuguesa**

1^a Edição



Rio de Janeiro, 2021

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C345 Cassiano, Michele Francisco
Das margens para o centro: corrigindo o fluxo das aulas de Língua Portuguesa / Michele Francisco Cassiano; Jorge Luiz Marques de Moraes. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2021.

87 p.

Bibliografia: p. 86-87.

ISBN: 978-65-5930-050-1

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Gramática – Estudo e ensino. 3. Literatura popular. I. Moraes, Jorge Luiz Marques de. II. Título.

CDD 469

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves da Silva - CRB7: 5694

RESUMO

CASSIANO, Michele Francisco. **A Literatura Periférica no centro das aulas de Língua Portuguesa:** uma proposta para o ensino de gramática. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021.

Este trabalho buscou responder à pergunta-problema: em que medida o uso de textos da Literatura Periférica pode favorecer a aprendizagem da gramática em turmas de correção de fluxo? A pesquisa tem por objetivo desenvolver os conhecimentos gramaticais de alunos do Programa de Correção de Fluxo a partir de textos da Literatura Periférica. Para tanto, inicialmente, foi feita uma discussão teórica acerca do ensino de língua materna, neste estudo norteado pela gramática contextualizada e de usos, bem como uma breve análise dos documentos oficiais e da estrutura do Programa de Correção de Fluxo. Em seguida, foi elaborado um roteiro pedagógico destinado originalmente à aplicação das turmas participantes; porém, em decorrência da suspensão das aulas por conta da pandemia da Covid-19, as atividades foram submetidas à avaliação de educadores e educadoras. Após essas etapas foi possível concluir que a utilização de textos de autores contemporâneos oriundos das periferias como ponto de partida das aulas de Português, e o desenvolvimento de atividades levando em conta os saberes discentes, as especificidades das turmas e a realidade socioeconômica dos envolvidos no processo de ensino apresentam potencial para a ampliação dos conhecimentos linguísticos e gramaticais dos jovens atendidos pelo Programa Correção de Fluxo. Como resultado desta pesquisa, foi elaborado um caderno didático com sete roteiros pedagógicos cujos eixos centrais são contos e crônicas de autores da periferia, a fim de contribuir com o trabalho de professores de Língua Portuguesa interessados em desenvolver um trabalho, no que tange ao ensino de língua materna, de acordo com os documentos oficiais vigentes, sem deixar de atender às demandas em termos educacionais e sociais.

Palavras-chave: Ensino de Gramática; Literatura Periférica; Correção de Fluxo.

SUMÁRIO

Mensagem aos professores.....	7
Orientações iniciais.....	8
ROTEIRO PEDAGÓGICO 1	13
ROTEIRO PEDAGÓGICO 2	18
ROTEIRO PEDAGÓGICO 3	32
ROTEIRO PEDAGÓGICO 4	39
ROTEIRO PEDAGÓGICO 5	53
ROTEIRO PEDAGÓGICO 6	70
ROTEIRO PEDAGÓGICO 7	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86

Prezado (a) Professor (a),

Este produto educacional é fruto de uma pesquisa aplicada ao campo da educação vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB-CPII), cujo título é “A Literatura Periférica no centro das aulas de Língua Portuguesa: uma proposta para o ensino de gramática”. Essa proposta pedagógica visa a desenvolver os conhecimentos linguísticos e gramaticais em turmas do Programa de Correção de Fluxo a partir de textos da Literatura Periférica.

Trata-se de um caderno didático que, embora seja destinado aos anos finais do ensino fundamental e às turmas de aceleração, pode ser trabalhado em turmas regulares e no Ensino Médio. A duração prevista para a aplicação é de aproximadamente seis semanas, durante as aulas de Língua Portuguesa que acontecem duas vezes por semana, com carga horária semanal de seis tempos (trinta e oito tempos). O público-alvo são os alunos do primeiro e do terceiro módulos do Programa Correção de Fluxo.

No decorrer das aulas, são abordados aspectos dos gêneros textuais (conto e crônica), bem com aspectos linguísticos e gramaticais, de forma contextualizada, a partir de textos de autores da periferia. Diversos instrumentos são utilizados para a aplicação da sequência, tais como vídeos, músicas, imagens, rodas de conversa, entre outros, a fim de encaminhar a leitura, a interpretação e a produção de textos.

Os conteúdos gramaticais trabalhados foram selecionados com base no programa de Língua Portuguesa do Programa Correção de Fluxo e do currículo mínimo da Seeduc, a partir dos pressupostos dos documentos oficiais vigentes. No entanto, propõe-se um novo caminho, tendo em vista as especificidades das turmas, adequando os gêneros trabalhados à faixa etária dos jovens participantes do programa.

O produto intitula-se “Das margens para o centro: corrigindo o fluxo das aulas de Língua Portuguesa”. Trata-se de um material didático que pretende partir da periferia, tendo em vista a localização geográfica da escola para a qual foi pensado, bem como na posição periférica na qual os estudantes que apresentam distorção idade-série são colocados. À escola e aos estudantes, unem-se as vozes dos autores da periferia com o intuito de desenvolver os conhecimentos linguísticos e gramaticais enquanto se pensa na realidade dos grupos aos quais boa parte dos estudantes de escolas públicas pertencem.

Desta forma, este suporte educacional consiste em um material didático complementar ao trabalho do professor do Correção de Fluxo. Em consonância com as contribuições da Linguística e com o que preconiza os documentos oficiais vigentes, o texto ocupa lugar central nas aulas, propiciando aos alunos o que se considera fundamental nas aulas de língua materna: leitura, compreensão, interpretação e produção de textos.

Orientações iniciais

As atividades foram pensadas a partir da união de três eixos: ensino de gramática, Literatura Periférica e Correção de fluxo. No que diz respeito ao **ENSINO DE GRAMÁTICA**, a produção dos roteiros foi norteada pelos pressupostos da gramática de usos que, de acordo com Travaglia (2009, p. 111), refere-se àquela que “liga-se à gramática internalizada do falante. No ensino ela se estrutura em atividades que buscam desenvolver automatismos de usos das unidades, regras e princípios da língua (ou seja, os mecanismos desta), bem como os princípios de uso dos recursos das diferentes variedades da língua.” Dessa forma, parte-se, tanto quanto possível, dos conhecimentos linguísticos dos estudantes com o intuito de ampliá-los.

LITERATURA PERIFÉRICA é a literatura produzida por autores oriundos das periferias brasileiras, os quais, através de suas produções, reverberam as vozes dos grupos constantemente silenciados e subalternizados. Nos roteiros que constituem este caderno didático, representam a possibilidade de diversificar as vozes e as linguagens presentes nas aulas de língua materna.

Aos dois primeiros eixos une-se o terceiro, “correção de fluxo”. Ou seja, o ensino de gramática a partir de textos da Literatura Periférica foi pensado para turmas destinadas a alunos que precisam corrigir o fluxo escolar. **CORREÇÃO DE FLUXO** é o nome dado ao segmento voltado aos alunos que apresentam distorção idade-série, ou seja, estão dois anos ou mais anos “atrasados” em relação à idade prevista para determinada etapa de ensino.

O caderno é composto por sete roteiros pedagógicos, que podem ser aplicados em sequência ou separadamente. Tendo em vista as origens dos autores e a variedade linguística predominante nos textos, discorremos a seguir o que entendemos por periferia e, depois, sobre a presença do “palavrão” em sala de aula.



Subúrbio ou periferia?

Neste caderno didático todas as atividades terão como eixo central textos de autores da denominada Literatura Periférica. Dessa forma, faz-se necessário esclarecer o que se entende por periferia e também por subúrbio (nomenclatura usada predominante nos textos de Vítor Almeida e Leandro Leal).

Vitor Almeida, historiador e morador do subúrbio carioca, na introdução de seu livro – *Suburbano da depressão* – apresenta algumas definições e seu ponto de vista acerca do assunto. Esclarece que são muitos conceitos, dentre eles o fato de os bairros suburbanos não estarem localizados na área central da cidade, no entanto, nem sempre são periferias – áreas pobres com conotação negativa, tendo em vista as condições socioeconômicas de seus habitantes. Questões como ter ou não uma linha de trem, também impactam na definição. Enfim, não há consenso.

Na visão do autor, os bairros do subúrbio são aqueles um tanto afastados do Centro e da Zona Sul carioca, por exemplo, com um modo de vida próprio; alguns são marcadamente de classe média-baixa, de certa forma esquecidos pelo poder público. Porém, outros nem sequer são vistos com subúrbio por seus moradores, tendo em vista sua estrutura.

Em termos geográficos, considera-se periferia a região afastada do centro urbano e que geralmente abriga população de baixa renda. A limitação dessa definição é clara, visto que bairros periféricos e favelas, em muitos casos, geograficamente, ficam perto das regiões centrais, embora, socioeconomicamente estejam à sua margem.

Apesar da distinção conceitual entre subúrbio e periferia, ambos, neste trabalho, são considerados termos afins, tendo em vista os diversos pontos de interseção entre bairros considerados periféricos e suburbanos em termos socioeconômicos. É evidente que cada município apresentará distinções geográficas (e também culturais, econômicas e sociais, muitas vezes) em relação aos bairros próximos e afastados do centro.

Além disso, ampliando o olhar sobre o par periferia / centro, evidencia-se que o Brasil se encontra na periferia do capitalismo. Dentro do país, alguns estados ocupam posições periféricas em relação a outros. Olhando para São Gonçalo, município da região metropolitana, com 999.728¹ habitantes, onde esta pesquisa foi realizada, percebe-se que a cidade se encontra na periferia de Niterói e do Rio de Janeiro. Ou seja, a discussão é complexa e é importante que discentes e docentes reflitam sobre o lugar onde moram, estudam, trabalham de forma crítica, enxergando os problemas, mas também, os aspectos positivos e as potencialidades dos subúrbios, das periferias, das favelas.

¹ Informação disponível na página da Prefeitura Municipal de São Gonçalo <https://www.saogoncalo.rj.gov.br/?page_id=34>



Palavrão em sala de aula, pode?!



Na crônica “Domingo qualquer (e macarronese)” (2016), de Vitor Almeida, texto base para a “Roda de conversa” que inicia esta sequência didática, além do uso de palavras e expressões típicas da oralidade, justificável pelas características do próprio gênero textual, há também alguns “palavrões” (aliás, tais termos também estão presentes em outros textos selecionados para as atividades). Socialmente, são considerados “palavrões” termos obscenos ou grosseiros.

Apesar de tais palavras fazerem parte do vocabulário de pessoas de diferentes idades e classes sociais, elas permanecem estigmatizadas; isso se justifica pelo fato de, na maioria das vezes, se referirem a aspectos erógenos, eróticos ou obscenos. Em geral, o que se refere à sexualidade é objeto de proibições e tabus, tendo em vista o caráter conservador e repressor das sociedades ocidentais.

A despeito dos preconceitos que envolvem o uso de termos considerados obscenos, é cada vez mais comum a presença de “palavrões” nas chamadas “variedades urbanas de prestígio”. Além disso, percebe-se o alargamento de sentidos dessas expressões, visto que nem sempre são utilizadas para ofender e fazer referência ao sexo; simplesmente expressam emoções, como uma espécie de interjeição.

Como a escola está inserida na sociedade, obviamente que a presença do “palavrão” nesse espaço provoca diferentes reações, variando entre a aceitação, a indiferença, ou mesmo a repressão e a punição. Trabalhar com textos que apresentam tal vocabulário não é fácil e pode gerar desconforto entre discentes, docentes e a comunidade escolar como um todo.

No entanto, entendemos que na perspectiva de ensino de língua materna que norteia este caderno didático, nas aulas de português precisamos tratar qualquer forma de expressão como uma variedade da língua, objetivando sempre combater o preconceito linguístico e orientar alunos e alunas para as adequações linguísticas necessárias nas diferentes interações sociais. De acordo com Bagno (2007, p.183), na língua “tudo vale alguma coisa” desde que no contexto adequado e com as pessoas certas; vale também no

lugar errado, caso a intenção seja subverter a ordem estabelecida. O uso da gíria e do palavrão estão enquadrados nessa avaliação que o falante deve fazer quanto à situação de comunicação.

Por entender que os “palavrões” presentes nos textos pertencentes à sequência didática foram usados adequadamente dentro do contexto em que se encontram, optamos por mantê-los nos textos para a realização das atividades. Além disso, a partir da nossa experiência através do convívio com jovens nas escolas, percebemos a presença desses termos no vocabulário desses alunos, logo, enxergamos o trabalho com tais textos como uma oportunidade de debater com os discentes acerca da importância de adequar a linguagem às situações de comunicação, bem como dos tabus e preconceitos que envolvem o uso de determinadas palavras.

Caso docentes não se sintam confortáveis, ou até mesmo saibam que pelas características da turma poderia haver algum tipo de constrangimento ou, ainda, por imposição da comunidade escolar, sugerimos a adaptação dos textos, omitindo as palavras julgadas “inadequadas” parcial (por exemplo, mantendo a primeira sílaba seguida de símbolos / asteriscos) ou completamente. Tal alteração em nada prejudicaria o desenvolvimento das atividades propostas, cujo objetivo principal é a ampliação dos conhecimentos linguísticos e gramaticais dos educandos.

Bom trabalho!

ROTEIRO PEDAGÓGICO 1

Bora bater um papo?

Roda de conversa para refletir sobre a vida no “subúrbio”



Objetivos:

- ✓ Incitar a reflexão em relação à vida na periferia / subúrbio;
- ✓ Criar um ambiente na turma para discussões e compartilhamento de ideias e impressões;

Recursos necessários:

- ✓ Sala de aula com cadeiras organizadas em círculo.

Duração prevista

- ✓ 2 (dois) tempos de aula.

Desenvolvimento

- ✓ Explicação da atividade: leitura do texto “Domingo qualquer (e macarronese)”(data), de Vítor Almeida e “conversa” a partir das perguntas norteadoras.
- ✓ Leitura em voz alta do texto pelo (a) professor (a).
- ✓ Após a leitura, tecer alguns comentários sobre o autor, especialmente acerca de sua origem.
- ✓ É importante criar um ambiente acolhedor para que todos se sintam confortáveis para expor suas ideias.

DOMINGO QUALQUER (E MACARRONESE)

Vitor Almeida

Macarronese. Prato típico de quem tem que improvisar. Tem que ser naquela bacia que a tia manicure faz o pé das clientes, porque rola uma fermentada antes. Mas tem que ter macarronese.

É algo marcante em um domingo qualquer, em algum ponto do subúrbio carioca. Temos um protocolo que é não ter protocolo de fazer caras e bocas para as pessoas. Gostem de mim do jeito que eu sou e pronto. Etiqueta aqui é só de roupa de marca, quando parcelamos tudo no cartão de crédito pra pagar, ou não.

Então, presta atenção: se você for visitar uma casa suburbana em um domingo qualquer, fique ciente do que você pode encontrar:

Forma de bolo que hoje tá toda preta, amassada e agora é para servir churrasco?

Tem.

E o parente que fica bêbado e recebe a Maria Padilha, revela os podres do tio que saía com a novinha da escola estadual, mas que já meteu o pé e levou a família todo escaldado?

Vai ter.

E aquela pessoa que corta o pé no caco de vidro da garrafa quebrada?

Também tem.

E a pressão alta da vovó e o ácido úrico do vovô?

Vai ter sim!

E o cachorro comendo osso de galinha e linguiça que cai no chão?

Vai ter sim, com certeza.

E macarronese – olha a macarronese aqui! – no pires da matriarca que estava com a sua tia, pivô de uma pequena treta na cozinha durante os preparativos?

Teeeem também.

E matriarca vai dizer que vai sumir, porque não é empregada pra arrumar tudo sozinha?

Vai sim!

E o encarregado de ir comprar as batatas para a maionese, que saiu às 8 da manhã e vai chegar às 16h bêbado?

Vai!

E Bebeto, Raça Negra e Aviões do Forró?

Vai ter sim!

E briga por causa de herança, adultério ou mulher bêbada?

Vai ter sim!

E a disputa de tias em uma rodinha de conversa para ver quem tá mais doente?

Vai ter sim!

E o pai que vomita depois do churrasco e enche o vaso de linguiça mastigada com arroz porque misturou uísque e Itaipava?

Clássico! Vai ter sim!

E marmita pra levar para o almoço o dia seguinte?

Vai sobrar sim!

E churrasco no subúrbio no próximo fim de semana, reunindo a família toda?

VAI TER SIIIIIM!!!

E se reclamar vai ser na praia do Leblon ou em São Conrado.

E se duvidar vai ter marmita com macarronese, esse prato intrigante, digno de Master Chef. Receita, lá vai:

Ingredientes

500g de macarrão parafuso

400g de presunto ralado grosso

1 lata de milho-verde escorrido

200g de creme de leite sem soro

1 cebola picada

1 pimentão picado

4 colheres (sopa) de maionese

Azeite a gosto

Sal e cheiro-verde a gosto

Modo de fazer

Cozinhe a massa em água salgada abundante, esfrie com água fria e escorra bem. Junte os ingredientes picados, a maionese, a salsinha e o azeite à massa cozida e fria e misture-os. Acerte o sal. Leve à geladeira por meia hora, depois sirva e lave a louça (para sua mãe não ficar falando que vai sumir, porque não é empregada da casa).

Podemos perceber que a macarronese traduz a vida suburbana de uma forma gastronômica. É a forma de vida improvisada, que vale a pena observar.

Acho que se há uma comida que deve ser tombada, pelo menos na história contemporânea do subúrbio carioca, é a macarronese. Será que os chefs e restaurantes gourmets já descobriram? Imagina: um bagulho que tu gasta uns 10, 15 contos pra fazer uma bacia, um prato vai sair a 40, só pra você achar que tem a pachorra de dizer que está se sentindo do povão.

Como eu disse: tem todo um procedimento. Tem que ser feito numa bacia. Tem que ser aquela tia que vem de Mendes, casada com um tio que é ex-militar e diz que a época

boa era a época da ditadura, pra vir revirar com aquela colher de pau PRE-TA os ingredientes. Isso o IPHAN não mostra! É patrimônio imaterial, cara.

Maravilhoso seria o reconhecimento da macarronese com um dos pratos típicos do Rio. Mas não, querem só falar de feijoada e caipirinha. Tudo bem, é nosso também, mas a macarronese sai do âmago do ser suburbano. Sai do espírito, da alma. Sai do suspiro do “querer comer logo qualquer merda que tiver na dispensa”. E deu certo. Certo pra caralho!

Mas tem que ter milho, pra dar o que os chefs chamam de “textura”. É frescura pra caceta, mas fica bom. E outra coisa: macarrão colorido, de preferência. Se for fazer, faça de uma forma que mantenha a tradição culinária de quintal bem viva, sem respirar com auxílio de aparelhos.

ALMEIDA, Vitor. **Suburbano da depressão:** causos, contos e crônicas. Rio de Janeiro: Autografia, 2016

Questões para mediar a conversa:

- Vocês se identificaram com o texto? Por quê?
- A crônica retrata realmente a vida no subúrbio?
- Que outros aspectos da vida do subúrbio gostariam de destacar?
- Falem um pouco do lugar onde vocês moram. O que há de bom e de ruim no seu bairro?
- Além da macarronese, o que mais “traduz a vida suburbana”?

Durante a conversa, podem surgir comentários preconceituosos, ou até mesmo ofensivos, sobre determinadas áreas da cidade. É comum que os alunos caçoem uns dos outros, apontando aqueles que moram nas áreas mais carentes. Caso isso ocorra, é importante orientar os discentes com relação à importância do respeito ao outro, além de deixar claro que refletir sobre a vida em tais áreas se faz necessário para reconhecermos os problemas, mas também os aspectos positivos da região.



A crônica “Domingo qualquer (e macarronese) ” foi proposta como texto norteador da *Roda de conversa*. Aspectos linguísticos e gramaticais não serão trabalhados neste momento. No entanto, caso deseje realizar outras atividades além da apresentada, existem inúmeras possibilidades, dentre elas:

- **Produção textual:** assim como no texto o autor apresenta a receita da macarronese, os alunos poderiam fazer um levantamento de receitas típicas da região e escrevê-las. Se for viável, podem até mesmo preparar os pratos para uma refeição / lanche coletivo.
- A partir das receitas, **aspectos linguísticos do gênero como o uso de advérbios e de verbos no imperativo** podem ser trabalhados.
- Além disso, há na crônica o uso reiterado da **conjunção “e”**, possibilitando assim o estudo dos efeitos de sentido provocados por esse conectivo.



ROTEIRO PEDAGÓGICO 2

Sou suburbano?

Objetivos:

- ✓ Refletir sobre a vida no subúrbio / periferia;
- ✓ Conhecer alguns aspectos do gênero crônica;
- ✓ Reconhecer as diferenças entre linguagem formal e linguagem informal.

Recursos necessários:

- ✓ Sala de aula com cadeiras organizadas em círculo (ou semicírculo).
- ✓ Quadro e marcador para quadro branco;
- ✓ Cópias dos textos e das atividades para os alunos;
- ✓ Televisão / aparelho de som;
- ✓ Cartolina;
- ✓ Fita durex ou cola.

Duração prevista

- ✓ 6 (seis) tempos de aula.

Desenvolvimento

- ✓ Reprodução da música “Meu lugar”, de Arlindo Cruz, para introdução da temática da aula.
- ✓ Leitura em voz alta do texto pelo (a) professor (a).
- ✓ Após a leitura, tecer alguns comentários sobre o autor, especialmente acerca de sua origem e realizar as questões da seção “estudo do texto – compreensão”.
- ✓ Na seção “estudo do texto – aspectos linguísticos”, é preciso realizar as atividades e trabalhar os conceitos.
- ✓ É importante criar um ambiente acolhedor para que todos se sintam confortáveis para expor suas ideias e compartilhar as respostas das atividades.



1. Já parou para pensar sobre sua relação com o lugar onde você vive? Vamos assistir ao clipe da música “Meu lugar”, de Arlindo Cruz para pensar um pouco mais sobre isso.



https://www.youtube.com/watch?v=2zVEg3tW_ic

Meu Lugar	Ai, meu lugar
Arlindo Cruz	Quem não viu Tia Eulália dançar? Vó Maria o terreiro benzer?
O meu lugar É caminho de Ogum e Iansã	E ainda tem jongo à luz do luar
Lá tem samba até de manhã	Ai, meu lugar
Uma ginga em cada andar	Tem mil coisas pra gente dizer O difícil é saber terminar
O meu lugar É cercado de luta e suor	Madureira, iá laiá
Esperança num mundo melhor	Madureira, iá laiá
E cerveja pra comemorar	Madureira
O meu lugar Tem seus mitos e Seres de Luz	Em cada esquina, um pagode, um bar
É bem perto de Osvaldo Cruz	Em Madureira
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá	Império e Portela também são de lá
O meu lugar É sorriso, é paz e prazer	Em Madureira
	E no Mercadão você pode comprar Por uma pechincha, você vai levar Um dengo, um sonho pra quem quer sonhar

O seu nome é doce dizer Madureira, iá laiá Madureira, iá laiá Ai, meu lugar A saudade me faz relembrar Os amores que eu tive por lá É difícil esquecer Doce lugar Que é eterno no meu coração E aos poetas traz inspiração Pra cantar e escrever	Em Madureira E quem se habilita, até pode chegar Tem jogo de ronda, caipira e bilhar Buraco, sueca pro tempo passar Em Madureira E uma fezinha até posso fazer No grupo dezena, centena e milhar Pelos 7 lados eu vou te cercar Em Madureira Disponível em https://www.letras.mus.br/arlindo-cruz/1131702/ . Acesso em 25 de outubro de 2019.
--	--

2. Sobre o vídeo e a letra da canção:

- a) Quais aspectos do seu lugar de origem o compositor destaca na canção?
- b) O que há de semelhante e diferente entre Madureira e o lugar onde você vive?



3. Agora leremos um texto no qual o autor também fala do lugar onde ele vive, mas de uma forma um pouco diferente. Vejamos:

Vitor Almeida, 31 anos, é o dono da página *Suburbano da Depressão*, com mais de 450 mil seguidores nas redes sociais. É historiador e concorre a uma vaga à câmara de vereadores do Rio de Janeiro. Nascido e criado na Penha. Já morou em Olaria e em Santa Cruz. Suburbano nato, criou a página no Facebook em 2012 para brincar com a ideia de que o suburbano se deprecia, e também para mostrar que o RJ vai muito além da Zona Sul, região da cidade normalmente mostrada nas novelas. Vitor Almeida faz parte do grupo de escritores que retratam a vida nos subúrbios com o olhar de quem vive nele.



GASTRONOMIA E AFINS

Vitor Almeida

Eu poderia querer escrotizar aqui a comida de fácil acesso ao bolso popular, mas não vou fazê-lo. E que se dane o colesterol.

Pra quem anda de lá pra cá com dinheiro contado de passagem, sabe que o que mais salva na hora da fome é aquela boa e velha promoção de ‘salgado + refresco’, geralmente vendido em pastelarias chinesas.

E que salvação! Certa vez, quando trabalhava em Botafogo, me deparei com algo já esperado, mas que foi algo exótico: o tamanho do rato que passou pra dentro da pastelaria que tem do lado do Bob’s, perto do Botafogo Praia Shopping. Meu amigo, QUE RATO! Parecia um coelho cruzado com um gato. ENORME! E você parou de saborear o suculento joelho – italiano para alguns – com aquela garrafinha de 290 ml de Coca? Claro que não! É aí que tá: faz mal, mas não mata de instantâneo. Sem contar que o cheiro do óleo impregnou meu uniforme de tal maneira que ficou mais enjoado para todos ao meu redor. Mais até do que One Million e Kaiak.

Mas nem ligo. Não tenho nojo, não. Lembro de um senhor que vendia hambúrguer no ponto de ônibus que ficava ao lado do prédio onde eu morava. E vejam só: o cara morava no primeiro andar do prédio em frente ao ponto. O que ele fazia? Otimizava o trabalho. Deixava tudo frito já na chapa – hambúrguer, ovo, presunto e queijo, um por cima do outro – e ficava na janela. Quando alguém chegava... OPA! Peraí que tô descendo. Genial! Minha mãe reparava no pé do cara, mas meu argumento era “E daí? Ele faz o hambúrguer com o pé?” – que realmente era preto de sujeira.

Puxei esse assunto de comida porque dias atrás me deparei com algo bem interessante. Estava eu com fome saindo da faculdade, indo em direção à estação de Campo Grande, e

avisto uma placa de salgado a R\$ 2,00, SALGADO A DOIS CONTO. NO RIO DE JANEIRO? VOLTAMOS PRA 2002? Não. Era Campo Grande.

Era do tipo de salgado que, se você torce numa frigideira, tu fritava um cento de salgado pra uma festa de 100 convidados. Comi aquela parada pela fome que eu tava – é, cá entre nós, aquele enroladinho de presunto e queijo brilhando na estufa É CONVIDATIVO SIM! E o gloss que fica depois nos lábios, quem liga?

Mas até aí tinha achado dois conto em moeda na mochila e fui reparando que as outras lojas próximas, sentido à estação, tinham coisas variadas. E me arrependi quando vi que um copo de salgadinho com vinte ERAM OS MESMOS DOIS CONTO! Irmão, vinte salgadinhos... Salgadinho de festa, tá ligado? Essa parada é viciante! Por mim criariam um saco de São Cosme e Damião de salgadinho de festa. Infecção intestinal na certa! Me interna ou me enterra logo em Inhaúma!

Achei interessante mesmo que da passarela do Hotelon até a estação os preços eram crescentes. De dois conto ia até cinco e cinquenta. Quanto mais perto da estação, ficava mais caro. Mas e daí?

Outra coisa boa é que se tu vem com o estômago espancado de salgado oleoso da rua e pega um trem ou um ônibus, tu pode fazer tua sobremesa ali mesmo. É vitrine ambulante. Tem picolé, chocolate, amendoim, jujuba, pirulito. Só não vendem a mãe pra comer porque seria falta de respeito. E se tu pega Central pra Paracambi, já ganha uma diabetes em Deodoro ou uma pressão alta, porque vendem tira-gosto e batata Ruffles a preços módicos. Dá pra ser obeso viajando de trem.

Quer um almoço maneiro? Self servisse sem balança. Que coisa abençoada de Deus! Mas não se engane: o dono é esperto e coloca um prato tão raso, mas tão raso, que por pouco tu não tá comendo num disco de vinil. Certo que eu daria prejuízo se tivesse essa opção de prato ou um com profundidade de vasilha de ração canina.

Perto da Gama Filho tinha um desses que era R\$ 12. Tempos áureos poder gastar doze conto em um prato de comida tendo que ficar entre isso ou tirar xerox. E toda quarta eu comia lá – juntava o lanche do trabalho de domingo no shopping. Que bagulho bom!

E comida, né gente, é algo que não sai de moda. A comida sempre reuniu a galera em harmonia. Vê as tribos indígenas? O cara vai lá, mata uma capivara e vai todo mundo em volta da fogueira beliscar. No subúrbio é assim também. Pedir pizza é evento. Ir ao McDonalds, depois de rodar no shopping, é quase lei. É o tipo de coisa que você é QUASE obrigado a fazer.

E tem aqueles bairros que tem a barraca de lanche que é a referência local, com aquela maionese duvidosa, dez carnes dentro do pão, o bagulho nem fecha. Em Marechal Hermes tem a batata. A Batata de Marechal Hermes. Com letra maiúscula mesmo. Bagulho é quase patrimônio da cidade. Deveria ser, porque é conhecida em todos os cantos do Rio. Já é conhecida fora do Brasil! Vários tamanhos, procedência duvidosa, fila enorme pra comprar. SUCESSO! Pertinho da estação de trem, não tem erro!

Uma coisa que nós somos bons é em comer. Inventar comida. Vagabundo inventa várias coisas e que dão certo. Mas é que a comida une as pessoas, seja em volta da fogueira, da mesa, da churrasqueira. Pra onde você olha no subúrbio tem comida.

É a fumaça por cima do muro que indica que tá rolando churrasco. É o parabéns na vizinha, indicando que já, já vem ela trazendo um pedaço de bolo.

E quem não fica contente em ter algumas moedas perdidas na bolsa pra comprar nem que seja um saquinho de amendoim durante a volta pra casa, não é mesmo? É a alegria da criançada como diz o camelô.

“FODA-SE O BISCOITO GLOBO!

AQUI É FOFURA, PORRA!”

Soa como revolta, mas não é. Eu gosto do Biscoito Globo.

Entre idas e vindas, atravessando o túnel rumo à Copacabana, muita coisa você percebe de diferença no Rio de Janeiro. Falamos de 2016, terráqueos!

O embate entre Biscoito Globo e Fofura é o resumo do que é o dia a dia nosso. Nada mais com gosto de ponto de ônibus do que um combo de Fofurão (vermelho, de palito) com um copo de guaraná natural. Farelo na roupa toda. Canto da boca amarelo. Ponta dos dedos grudando. E aquela tirada de Fofura mastigado do canto da gengiva, hein? Isso é vivência cotidiana, meu primo.

Não tô aqui querendo pagar de bairrista – mas já pagando –, mas como podem duas coisas conviverem na mesma cidade e uma ser melhor que a outra? Ok, isso é projeto de manipulação e tal, coisa chata de debate acadêmico, mas que aqui nós falamos papo reto: desmoralização do pobre, do suburbano, de tudo aquilo que esteja fora de um padrão de venda de imagem da porra da cidade maravilhosa e blá-blá-blá etc. Foda-se.

Com o título é pra saber que nós aqui da Zona Norte e da Zona Oeste temos um estilo de vida a parte do que é vendido pro mundo. Que louco, né? Porra, o cara mora ali em Cosmos, ou ali em Acari, mas tá usando camiseta de GRUMARI, da BARRA, do CRISSSTO REDENTÔ! Isso não dá, não.

É certo que é só olhar pro Cristo que tu lembra do Rio. Bossa Nova, Garota de Ipanema... Essa pieguice, clichêzice, caralhice a quatro. Mas aí, te falar: coloca pra nós desenrolar o que nos representa que tu vai é ter coisa pra vender, hein? Vai ter cara saindo da Suíça querendo alugar quitinete em Inhoaíba, apartamento de dois quartos na Fazenda Botafogo e tudo. Quem é que aguenta o “nada a ver” desses bairros que fica todo mundo preso em seu mundo particular, nessa vida de condomínio? “Ah, mas a rua é perigosa...” FILHO, TU TÁ NO RIO DE JANEIRO, TU NUM TÁ EM ZURICH, NÃO!

E é aí que eu digo que aqui é Fofura e não Biscoito Globo.

O Fofura transmite a vida que segue, a vida que corre porque tem que correr. Tem que pegar o ônibus lotadão, bagulho indo apertado, enclausurado, zipado. Mas tá cheirando a Fofura, arrotando Guaravita. Gostinho de ponto de ônibus.

Biscoito Globo é climão de relaxamento. “Ah, mas o mundo conhece!” Bacaaaaana! Mas teu dia a dia é viver estirado numa canga à beira mar? É fazer cooper na orla do Leblon? Máximo que tu vai fazer é caminhada na Oliveira Belo e olhe lá. Quiçá na pracinha do bairro.

Né desmerecendo, não.

Mas, ó: nossos pais e avós sobreviveram à coisa pra caramba. Quantas vezes receberam “não” em processos de emprego por acharem que moramos longe? Ah, então só temos que ser tolerantes quando os caras falam de lá pra cá. Quando falamos daqui pra lá ... “poxa, a cidade tem que se unir...” UHUUUUUUUUMMM!!!

Mas tudo bem. As coisas tão mudando, espero que pra melhor. Não condeno quem queira viver uma vida de novela, mas não me sinto bem. E acho que tem muita gente que não se sente e que prefere tá metendo a mão em um cento de salgadinho de festa de criança do que em canapé de coquetel de gente fina e chique.

Minha cultura não é de Biscoito Globo. Não me representa.

O que me representa é o Fofura – vermelho, de palito.

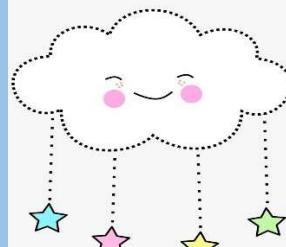
ALMEIDA, Vitor. **Suburbano da depressão**: causos, contos e crônicas. Rio de Janeiro: Autografia, 2016

Estudo do texto - Compreensão

Parte 1

1. Quais “comidas de fácil acesso ao bolso popular” são citadas no texto?
2. Por que a comida é importante para os suburbanos?
3. No texto, o cronista relata algumas práticas suburbanas que envolvem comida. Você se identificou com alguma? Por quê?
4. Qual distinção o cronista faz entre Fofura e Biscoito Globo?

Parte 2



Nuvem de palavras

A partir da letra da música “Meu lugar” e do texto “Gastronomia e afins”, responda:

O que representa a vida no subúrbio (periferia, favela) para você? Quais são as lutas e as alegrias comuns à maioria das pessoas?

* Responda às perguntas acima com apenas uma palavra. Escreva-a na tarjeta que você recebeu e cole no cartaz (se precisar, peça mais tarjetas ao professor / à professora)

* Agora, analise a “nuvem” e responda: a forma como você e seus colegas enxergam a vida no subúrbio (periferia, favela) se aproxima ou se distancia das visões apresentadas na música e na crônica?



Professor (a)

Após a análise do cartaz, elabore com a turma um parágrafo respondendo à pergunta, o que pode ser feito no próprio cartaz ou em uma cartolina. O resultado da atividade pode ficar exposto no mural da turma.



Também é possível criar uma “nuvem de palavras” com a turma no ambiente virtual. A plataforma **mentimeter.com** oferece esse recurso.

Estudo do texto – Aspectos linguísticos

1. Releia os trechos abaixo retirados da crônica “Gastronomia e afins”, de Vitor Almeida.

“Eu poderia querer escrotizar aqui a comida de fácil acesso ao bolso popular, mas não vou fazê-lo. E que se dane o colesterol.”

“Era do tipo de salgado que, se você torce numa frigideira, tu fritava um cento de salgado pra uma festa de 100 convidados. Comi aquela parada pela fome que eu tava – é, cá entre nós, aquele enroladinho de presunto e queijo brilhando na estufa É CONVIDATIVO SIM! E o gloss que fica depois nos lábios, quem liga?”

“Achei interessante mesmo que da passarela do Hotelon até a estação os preços eram crescentes. De dois conto ia até cinco e cinquenta. Quanto mais perto da estação, ficava mais caro. Mas e daí?”

Analise as palavras e expressões destacadas e responda: elas foram utilizadas de forma adequada em relação ao texto e ao público a que ele se destina? Justifique sua resposta.

O texto “Gastronomia e afins”, de Vitor Almeida, é uma **CRÔNICA**. A crônica caracteriza-se por abordar fatos cotidianos numa espécie de conversa reflexiva a partir do que é registrado pelo olhar do cronista. Trata-se de um gênero essencialmente jornalístico, por isso sua extensão e linguagem precisavam estar de acordo com o espaço a ela reservado e ao público a que se destinava. Assim como o jornal, costumava ter sua relevância expirada rapidamente, no entanto, muitas são atemporais sendo, inclusive, publicadas em livros. A leveza e o tom de conversa aproximam o cronista do público; a linguagem é simples, coloquial, bem próxima da oralidade. Em resumo: a crônica é um texto curto, com linguagem informal, que parte de acontecimentos corriqueiros para provocar reflexão.



Para saber mais sobre crônica e suas diferentes classificações, acesse o *link*

<https://www.youtube.com/watch?v=2XcMASxk4oM&t=455s>

Retomemos o último trecho da questão anterior:

“Achei interessante mesmo que da passarela do Hotelon até a estação os preços eram crescentes. De dois conto ia até cinco e cinquenta. Quanto mais perto da estação, ficava mais caro. Mas e daí?”

Nota-se que as expressões destacadas “dois conto” e “e daí?” são típicas da oralidade, em situações em que se usa uma linguagem despreocupada com regras gramaticais. De acordo com a situação em que nos encontramos, podemos nos comunicar utilizando:

❖ **Linguagem informal** →

Ou seja, linguagem despreocupada em relação às normas gramaticais da variedade de maior prestígio. Em situações cotidianas nas quais podemos ser espontâneos e descontraídos, da mesma forma faremos uso de uma linguagem espontânea, descontraída.

❖ **Linguagem formal** →

“Formal” tem a ver com algo oficial, solene. Logo, situações formais exigem o uso de uma linguagem também formal, de acordo com a norma padrão.



Professor (a)

Para tratar o assunto de forma mais dinâmica, escreva “linguagem formal” e “linguagem informal” em uma cartolina e cole-a no quadro. Numa sacola coloque imagens de diferentes situações de comunicação (sugestões abaixo); circule pela sala e peça para que alguns alunos sorteiem e coloquem na coluna correspondente à linguagem adequada à situação. Em seguida, divida a turma em grupos; cada grupo deverá criar um diálogo para uma das imagens e compartilhar com a turma.

➤ Sugestões de imagens para execução da atividade sobre linguagem formal e informal



Entrevista de emprego



Família



Palestra



Casal



Apresentação de trabalho



Festa entre amigos

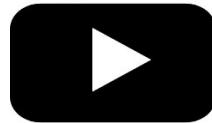
2. Releia mais um trecho da crônica e observe os termos destacados:

“Mas até aí tinha achado **dois conto** em moeda na mochila e fui reparando que as outras lojas próximas, sentido à estação, tinham coisas variadas. E me arrependi quando vi que um copo de salgadinho com vinte ERAM OS MESMOS DOIS CONTO! Irmão, vinte salgadinhos... Salgadinho de festa, **tá ligado**? Essa **parada** é viciante! Por mim criariam um saco de São Cosme e Damião de salgadinho de festa. Infecção intestinal na certa! Me interna ou me enterra logo em Inhaúma!”

O que “dois conto”, “tá ligado” e “parada” têm em comum? São gírias!

A gíria é uma linguagem particular e familiar que membros de um determinado grupo social utilizam entre si.

- Que palavras ou expressões poderiam substituir os termos destacados?
- Agora vamos ouvir a música “*A gíria é a cultura do povo*”, de Bezerra da Silva:



<https://www.youtube.com/watch?v=oq3mjgZoT2c>

A Gíria é a cultura do povo	Tá ligado na fita, tá sarado
Toda hora tem gíria no asfalto ou no morro porque ela é a cultura do povo	Deu bode, deu mole qualé, vacilou
Pisou na bola conversa fiada malandragem	Tô na área, tá de bob, tá bolado
Mala sem alça é o rodo, tá de sacanagem	Babou a parada, mulher de tromba, sujou
Tá trincado é aquilo, se toca vacilão	Toda hora tem gíria...
Tá de bom tamanho, otário fanfarrão	Sangue bom tem conceito, malandro e o cara aí

<p>Tremeu na base, coisa ruim não é mole não Tá boiando de marola, é o terror alemão Resposta catuca é o bonde, é cerol Tô na bola corujão vão fechar seu paletó Toda hora tem gíria... Se liga no papo, maluco, é o terror Bota fé compadre, tá limpo, demorou Sai voado, sente firmeza, tá tranquilo Parei contigo, contexto, baranga, é aquilo</p>	<p>Vê me erra boiola, boca de siri Pagou mico, fala sério, tô te filmando É ruim hem! O bicho tá pegando Não tem caô, papo reto, tá pegado Tá no rango mané, tá aloprado Caloteiro, carne de pescoço, “vagabau” Tô legal de você sete-um ..., cara de pau Intérprete: Bezerra da Silva Composição: Elias Alves Junior, Wagner Chapell Disponível em:</p>
---	--

A letra da canção foi construída a partir de inúmeras gírias. Você as conhecia? Há outras com sentido igual ou parecido?

- c) Faça uma lista das gírias que você mais utiliza e explique o significado de cada uma. Depois compartilhe sua liste com a turma.



Sabia que há dicionários que apresentam significados de expressões informais, incluindo gírias? A página “dicionário informal” é um exemplo. Nela os usuários que definem as palavras / expressões. Visite a página e, se quiser, aproveite e inclua alguma definição.

<https://www.dicionarioinformal.com.br/>

- d) Reescreva as frases abaixo empregando uma linguagem mais informal, considerando sempre que seu interlocutor é uma pessoa próxima.

- I. Olá, amigos, tudo bem? Como vocês estão? Estava pensando que podíamos sair mais tarde. O que vocês acham? O Júlia irá promover uma festa. Vamos?
- II. Júlia não percebeu que o garoto estava interessado nela.
- III. A refeição estava deliciosa. Comi demais!
- IV. Oi, João. Seu corte de cabelo ficou ótimo!



APROFUNDANDO

A crônica *Aí, Galera*, de Luís Fernando Veríssimo, é um bom exemplo de adequação linguística. Caso julgue pertinente, leia com a turma a fim de reforçar a importância de adequarmos a linguagem à situação.

ROTEIRO PEDAGÓGICO 3

Sou suburbano! Mas como me veem?

Objetivos:

- ✓ Aprimorar a leitura e a compreensão de texto.
- ✓ Relacionar a temática do texto lido a fatos da realidade.
- ✓ Diferenciar denotação e conotação.

Recursos necessários:

- ✓ Sala de aula com cadeiras organizadas em círculo (ou semicírculo).
- ✓ Quadro e marcador para quadro branco;
- ✓ Cópias dos textos e das atividades para os alunos;
- ✓ Televisão;

Duração prevista

- ✓ 6 (tempos) tempos de aula.

Desenvolvimento

- ✓ Exibição da imagem para leitura.
- ✓ Leitura em voz alta do texto pelo (a) professor (a).
- ✓ Após a leitura, tecer alguns comentários sobre o autor, especialmente, acerca de sua origem e realizar as questões da seção “estudo do texto – compreensão” (partes 1 e 2).
- ✓ Na seção “estudo do texto – aspectos linguísticos”, é preciso realizar as atividades e trabalhar os conceitos.
- ✓ É importante criar um ambiente acolhedor para que todos se sintam confortáveis para expor suas ideias.

I. Leitura de imagem

1. Observe atentamente a imagem abaixo e descreva a pessoa que há nela.



2. Qual a escolaridade, a idade e a profissão dessa pessoa?
 3. É possível, apenas pela aparência, reconhecer a situação socioeconômica de alguém?

As questões podem ser respondidas oralmente. Antes de seguir para a leitura do texto, explique aos estudantes que a pessoa da foto é o René Silva, jovem que ganhou notoriedade devido ao seu trabalho na comunidade onde vive – Complexo do Alemão. Há mais informações sobre ele na matéria na qual consta essa foto. Disponível no link:

http://www.nordesteusou.com.br/noticias/rene-silva-sofre-caso-de-racismo-olha-o-tipo-de-gente-que-anda-de-aviao/_acessado_em



A foto pode ser reproduzida através de um projetor ou de uma televisão com entrada USB. Nesse caso, a foto precisa ser salva com a extensão JPEG.

II. Acompanhe a leitura do texto a seguir:

RGPB

Anderson França

Ao que tudo indica,

chegará o tempo em que moradores de favela precisarão tirar uma foto trabalhando para, quando mortos, seus familiares provarem que não eram do tráfico.

Imagine.

Milhares de fotos de pessoas como eu e você. Barbeiros, padeiros, açougueiros, telemarketing, carteiros, policiais, balconistas, bancários, enfermeiros, advogados, pedreiros, cineastas, cantores, empresários.

Seria um novo documento. O Registro Geral das Pessoas de Bem, a ser assinado por um avalista, um cidadão de classe média que, por ser ouvido na sociedade, pode dar esse crédito ao morador de favela, que, como todos sabem, NATURALMENTE tem tendência a ser bandido ou puta.

Igrejas evangélicas serão postos de registros. Com foto, corte de cabelo e banho grátis. Se você não tiver, eles te emprestam gravata pra foto.

Os admiradores da PM e da Pátria te darão a foto impressa com um broche, uma lembrança pelo dia de confissão cívica e decência. Assim, ricos e pobres poderão conviver na maior paz. Pobres declarando que são trabalhadores, o que deveria ser algo óbvio, ricos dizendo que são bondosos.

Não vamos entrar no mérito de que um rico, quando rouba, é de 5 milhões pra cima, acompanhado da família, e com imunidade parlamentar. Não vamos entrar no assunto de que um rico, quando meliante, não é chamado meliante, mesmo que embolse fenomenais 13 milhões, sem licitação, deixando escolas sem professor e comida, hospitais sem remédio e médicos. Aliás, nem comentar que mesmo os médicos sendo médicos não dão satisfação a ninguém quando não vão trabalhar mas mandam bater o ponto com – veja – digital de silicone.

Vamos apenas ressaltar que aquele muleke roubando um iPhone, ele, sem dúvida, é vagabundo. E tem ligação com o tráfico. Drogas. Coisa que nenhum rico, claro, usa.

FRANÇA, Anderson. **Rios em Shamas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

Anderson França, ou Dinho, nasceu em 1975 no Rio de Janeiro. Foi porteiro, camelô, vendedor de revista, ativista social e empreendedor. Criou a Dharma ACC, uma agência de publicidade na Maré; realizou o primeiro TEDx numa favela carioca, O TEDxMaré; também formou a maior escola de negócios populares do Rio, a Universidade Correria, e a Casa Dharma, uma casa colaborativa na Zona Norte.

Palestrante, professor e narrador do seu cotidiano pelas redes sociais, já trabalhou em projetos para a Rede Globo, Conspiração Filmes e TV Zero.



Estudo do texto - Compreensão

Parte 1

1. O que é RGPB?
2. Para que serviria o documento?
3. Por que os moradores de favela precisariam comprovar que são “cidadãos de bem”?
4. Ricos e pobres são tratados da mesma forma quando cometem crimes? Justifique com elementos do texto.

Parte 2

Ampliando a discussão



- ❖ Na crônica “RGPB”, Anderson França trata de uma questão recorrente em nossa sociedade: o fato de moradores de favelas precisarem atestar idoneidade, dependendo da circunstância de sua morte. Para refletirmos uma pouco mais sobre

essa questão, vamos assistir ao vídeo “A luta de uma mãe contra as *fake news*” produzido pela Gabi Oliveira para seu canal do *Youtube*.



❖ Após assistir ao vídeo, discuta com seus colegas:

- Qual a relação entre a crônica RGPB, de Anderson França e a história de Marcos Vinícius?
- Bruna, mãe de Marcos Vinícius, disse no vídeo: “Não basta só matar, eles têm que criminalizar”. O que isso significa?
- Na sua opinião, porque os moradores de favela são vítimas de criminalização?

Estudo do texto – aspectos linguísticos

1. Releia o trecho a seguir:

“Seria um novo documento. O Registro Geral das Pessoas de Bem, a ser assinado por um avalista, um cidadão de classe média que, por ser ouvido na sociedade, pode dar esse crédito ao morador de favela, que, como todos sabem, NATURALMENTE tem tendência a ser bandido ou puta. ”

Será que o cronista realmente considera que moradores de favela têm tendência natural a ser bandido e puta? Pelo conteúdo do texto percebemos que não.



No trecho em destaque o autor fez uso de um recurso linguístico chamado **IRONIA**.

Ironia consiste em usar palavras em sentido oposto ao que se pretende.

- Releia o texto e transcreva outra passagem que contenha ironia. O que o autor realmente pretendia expressar?

Quando utilizamos recursos linguísticos como a ironia, deslocamos o sentido das palavras com o objetivo de conferir maior expressividade ao texto. Assim, podemos utilizar as palavras em sentido:

- ❖ Denotativo: quando as palavras são empregadas em seu sentido original, do dicionário.
- ❖ Conotativo: quando o sentido das palavras é modificado e se encaixa em um contexto específico.

2. Na crônica, algumas profissões foram citadas, neste trecho:

“Milhares de fotos de pessoas como eu e você. Barbeiros, padeiros, açougueiros, telemarketing, carteiros, policiais, balconistas, bancários, enfermeiros, advogados, pedreiros, cineastas, cantores, empresários. ”

- a) Que palavras deram origem aos nomes destacados?

As palavras em destaque no trecho acima são palavras DERIVADAS, pois se formam a partir de outras palavras na língua (as listadas em “a”). Para formar palavras derivadas acrescenta-se um prefixo ou um sufixo à palavra primitiva (raiz).

Barbeiros – padeiros – açougueiros – carteiros – enfermeiros – pedreiros –
balconistas – bancários – empresários – policiais - cantores

As terminações destacadas - *-ista*, *-eiro*, *-ário*, *-or*, *-al* são SUFIXOS que indicam **alguém que age, trabalha, opera, executa, realiza**. Por isso são usados para formar nomes de profissões (há outros sufixos que também formam nomes de profissões, inclusive).

- b) Faça uma lista de algumas profissões e analise os sufixos presentes nos nomes.

Professor (a),

Selecione alguns alunos para compartilhar suas listas e auxilie-os na análise dos nomes, observando os sufixos que os constituem. É possível também analisar com a turma o valor sociocultural e socioeconômico das profissões listadas pelos estudantes, especialmente daquelas compostas pelo par de sufixos *-ista* / *-eiro*. É visível que as profissões cujos nomes são formados com o sufixo *-ista*, são mais valorizadas. Faz-se necessário problematizar o que leva algumas ocupações a serem mais valorizadas (e melhor remuneradas, consequentemente) que outras, para tanto, é fundamental observar que grupo social costuma exercê-las. No endereço eletrônico

<http://www.filologia.org.br/vijicnlf/anais/caderno04-14.html> há uma análise mais aprofundada sobre o assunto.

ROTEIRO PEDAGÓGICO 4

Escurecendo os fatos!

Objetivos:

- ✓ Aprimorar a leitura e a compreensão de texto.
- ✓ Relacionar a temática do texto lido a fatos da realidade.
- ✓ Refletir sobre o racismo e seus impactos cotidianos.
- ✓ Diferenciar os tipos de discurso.
- ✓ Produzir a retextualização de uma HQ.

Recursos necessários:

- ✓ Sala de aula com cadeiras organizadas em círculo (ou semicírculo).
- ✓ Quadro e marcador para quadro branco;
- ✓ Cópias dos textos e das atividades para os alunos;
- ✓ Televisão;

Duração prevista

- ✓ 12 (doze) tempos de aula.

Desenvolvimento

- ✓ Exibir o vídeo e responder às questões oralmente com a turma a fim de propiciar reflexão acerca do tema do texto que será lido posteriormente.
- ✓ Leitura em voz alta do texto pelo (a) professor (a) ou por um aluno (a).
- ✓ Após a leitura, tecer alguns comentários sobre o autor, especialmente acerca de sua origem e realizar as atividades da seção “Estudo do texto – compreensão” (partes 1 e 2).
- ✓ Na seção “estudo do texto – aspectos linguísticos”, é preciso realizar as atividades e trabalhar os conceitos apresentados.
- ✓ É importante criar um ambiente acolhedor para que todos se sintam confortáveis para expor suas ideias.

I – Antes da leitura, reflexão

Já parou para pensar como as pessoas negras são vistas na sociedade brasileira?
Vamos assistir a um vídeo e refletir um pouco sobre isso.



https://www.youtube.com/watch?v=JtLaI_jcoDQ

Aprofundando

Inúmeras pesquisas apontam a disparidade entre negros e brancos no mercado de trabalho. Aos primeiros, em geral destinam-se os cargos de menor remuneração. Leias as matérias a seguir para ampliar a discussão sobre o assunto nas próximas aulas:

<https://exame.com/carreira/pesquisas-mostram-abismo-no-mercado-de-trabalho-para-profissionais-negros/>

<https://veja.abril.com.br/economia/mercado-de-trabalho-negros-sao-minoria-em-cargos-de-medio-e-alto-escalao/>



- 1.Na sua opinião, por que houve diferença na análise das fotos?
- 2.Por que foram associadas às pessoas negras palavras como “pichadora” e “ladrão”? Por que o mesmo não foi dito sobre as pessoas brancas?



II – Hora da leitura

1. Vamos ler uma crônica que também aborda a questão racial, mas a partir de uma experiência pessoal, vivida pelo autor Leandro Leal. O cronista se define assim:

Nascido, criado, conhecido e considerado em CASCADURA. Pai orgulhoso do JOÃO MIGUEL, flamenguista de coração, imperiano de fé e suburbano por profissão.”

Assim como inúmeros autores suburbanos, Leandro Leal ganhou expressão escrevendo suas experiências suburbanas nas redes sociais. O texto que leremos foi publicado no livro “Profissão Suburbano”.

Barrado no prédio

Leandro Leal

EU MOREI A MINHA VIDA QUASE TODA NO MESMO lugar. Em frente a uma pracinha lá em Cascadura. Onde a minha família ainda mora. Lá todos se conhecem e me conhecem também. Quando eu caí do lombo do jegue, no Méier, eu estranhei muita coisa. Primeiro que não tinha nenhum botequim, só barzinho... como assim? Até hoje eu não consegui entender como o camarada mora a vida toda num lugar que não consegue fazer um fiado no botequim? Pra fazer um jogo de bicho tem que andar 20 minutos.

No Méier eu descobri que quanto mais próximo do Centro da cidade, menos preto tem. Não sei por que, mas é isso aí. E eu descobri morando em vários lugares, ruas e andares. Pode parecer mais loucura, mas eu vou te provar que é estranhamente óbvia a ligação.

Cheguei no Méier de manhã e não tinha lugar para dormir à noite. Dizia que morava nos sapatos, pois cada dia estava num lugar diferente, mas essa é outra história. O tempo passou, muita coisa mudou, a vida seguiu e eu me mudei para um daqueles prédios que a gente que é pobrão sonha em morar. Com piscina, salão de festa pra fazer pagode, quadra de esportes, sauna, que a gente não faz ideia pra que serve e tem vergonha de perguntar e tudo mais...

Só que eu cheguei por cima da carne seca, LITERALMENTE. Fui morar direto na cobertura! Varanda com rede, terraço com piscina, três banheiros... BICHO, TRÊS

BANHEIROS!!! Pra quem dormiu na sala até os 23 e disputou o único banheiro da casa, na purinha, era a única imagem possível do paraíso. Eu chegava de manhã no segundo andar e apresentava o mau hálito para Deus! Era um sonho. Um condomínio, dois blocos, 80 apartamentos, dezenas de coberturas e uma varetinha preta feliz. EU! Sim, até então, eu era o único negro no condomínio todo, pelo menos que eu tinha visto.

Com um mês, eu fiz uma roda de samba, que começou às 11h e acabou 0:05. Era tipo um cartão de visitas. Eles deveriam ter se preparado para me receber... mas, enfim.

Sempre entrava e saia de carro, quase nunca a pé. Então, passava, cumprimentava os porteiros e quem mais estivesse e seguia. Até que um dia, resolvi sair sem carro, pois sabia que iria beber e voltar lá pelas tantas de madrugada. Feito! Cheguei quase 3h com o meu chapéu, minha camiseta, bermuda e sandália. Só que quem abre o portão é o porteiro do prédio, mais nenhum morador tem a chave, por motivo de segurança. Sendo assim, toquei para a portaria. Lá de dentro, uma voz:

- Pois não?
- Boa noite, sou eu, Leandro.
- O senhor mora aqui?
- Moro sim.
- Em que apartamento?
- Na cobertura do bloco dois.
- Na cobertura? Você não mora aqui, eu não te conheço!
- Ué! Você não me conhece, mas eu moro.

Silêncio... ele desligou as luzes e voltou para dentro.

Toco novamente.

- Oh rapaz! E aí, vou ficar aqui fora?
- Senhor, o senhor não mora aqui!
- Moro, interfone para o meu apartamento, minha esposa está com meu filho recém-nascido!

Pausa. Ele interfonou. Ela não atendeu.

- E aí, meu amigo! Eu tô falando para você, eu moro aí. Vai lá na minha vaga e você vai ver o meu carro, na vaga demarcada com o número do apartamento. Quer a placa?

- Senhor, eu não vou abrir, você não mora!

- Você não quer abrir por que eu disse que morava na cobertura e nem está se preocupando em checar! INTERFONA NOVAMENTE!

Liguei para a minha esposa, pedindo para ela atender o interfone.

O portão abre, ele vem com aquela cara de intestino delgado se desculpando.

Eu não sabia muito o que fazer, estava tentando digerir o fato de que poderia ter dormido do lado de fora.

Disse que conversava no outro dia, mas antes deixei um questionamento:

- Eu sei que você não está acostumado com um negro morando na cobertura. Mas se eu fosse branco, estivesse com roupas de grife, você iria ou não iria ver se era o meu carro na vaga demarcada da cobertura?

A resposta foi:

- Eu não sou racista, meu avô era negro...

- Agora é com você.

LEAL, Leandro. **Profissão suburbano**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

III – Estudo do texto

Parte 1

1. Logo no início do texto, ao falar de suas experiências morando em diferentes lugares depois de um longo período em Cascadura, o autor afirma ter percebido que “quanto mais próximo do Centro da cidade, menos preto tem”. Com base no que já discutimos sobre racismo no Brasil, levante hipótese: por que isso acontece?
2. Por que o porteiro achou que Leandro não morava ali?
3. Ao conseguir finalmente entrar no prédio, Leandro Leal faz o seguinte questionamento ao porteiro:

“Eu sei que você não está acostumado com um negro morando na cobertura. Mas seu eu fosse branco, estivesse com roupas de grife, você iria ou não iria ver se era o meu carro na vaga demarcada da cobertura? ”

O homem respondeu à pergunta? Você acha que se fosse uma pessoa branca ele teria aberto o portão? Justifique sua resposta.

4. O texto termina com o cronista dizendo “—Agora é com você. ” Ou seja. Cabe ao leitor avaliar a resposta do porteiro e sua postura como um todo. Para você a atitude do porteiro foi ou não racista? Justifique sua resposta.

Parte 2

Ampliando a discussão



- ❖ Quando o morador questionou o porteiro em relação a atitude dele de não abrir o portão, o funcionário respondeu:

“- Eu não sou racista, meu avô era negro...”

Muitas pessoas, ao terem suas atitudes preconceituosas confrontadas, apresentam argumentos desse tipo. No entanto, ser descendente de uma pessoa negra ou ter amigos negros não isenta ninguém de cometer racismo. O primeiro passo para a mudança é o reconhecimento de que o Brasil é um país estruturalmente racista, logo, todos nós podemos conscientemente ou não, reproduzir racismo. Leia abaixo o infográfico com informações do “dossiê de crimes raciais 2020”:

dossiê Crimes Raciais 2020

GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

• O **racismo** é um problema estrutural e institucional que perpassa toda a realidade brasileira



O primeiro movimento institucional efetivo de combate à escravização da população negra no país ocorreu há apenas 170 anos, isto é, mais da metade da história brasileira se deu sob um regime escravocrata



844
70 pessoas foram vítimas de discriminação racial no estado em 2019, ou seja, mais de 70 vítimas por mês, ou, ainda, mais de duas vítimas por dia



Racismo: Condutas discriminatórias dirigidas a um determinado grupo ou coletividade



Quatro a cada dez vítimas de discriminação racial sofreram os crimes em ambientes não residenciais



42,9% das vítimas de discriminação racial não conheciam seus agressores



Mais de **90%** das vítimas de discriminação racial eram negras

58,2% das vítimas de discriminação racial eram mulheres



A zona oeste da cidade do Rio de Janeiro foi a região que concentrou o maior número de casos registrados





www.isp.rj.gov.br

Na sua opinião, como nós, cidadãos, podemos contribuir para com o fim do racismo?

No canto direto do infográfico, há algumas palavras em destaque, comumente proferidas contra pessoas negras para atacá-las, ofendê-las. Em nosso dia a dia, muitas vezes, reproduzimos palavras e expressões sem pensar que são racistas. Analise as frases abaixo e indique porque são ofensivas e, portanto, devem ser excluídas de nosso vocabulário:

Expressão	Por que é ofensiva?
Cabelo duro	
Não sou tuas nêgas	
Tem o pé na cozinha	
Mulata linda	

Compartilhe suas respostas com os colegas. Em seguida, veja quais expressões podem substituir as apresentadas acima na cartilha produzida pelo programa “Paratodos”, do Sesc / Senac, disponível em <https://www.sesc-rs.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Cartilha-Palavras-Racistas-1.pdf>

IV – Estudo do texto – aspectos linguísticos

❖ Releia o início da conversa entre Leandro e o porteiro do prédio:

“Sendo assim, toquei para a portaria. Lá de dentro, uma voz:

- Pois não?
- Boa noite, sou eu, Leandro.
- O senhor mora aqui?
- Moro sim.
- Em que apartamento?
- Na cobertura do bloco dois.
- Na cobertura? Você não mora aqui, eu não te conheço!
- Ué! Você não me conhece, mas eu moro.”

Observe que o cronista optou por representar o diálogo de forma direta, apresentando as falas dele e do porteiro. Podemos reproduzir diálogos de personagens reais ou fictícios utilizando:

- **Discurso direto:** quando os participantes do diálogo ou conversa têm voz ativa, pois suas falas são apresentadas diretamente, sem intermediários. Assim como na conversa entre o cronista e o porteiro.
- **Discurso indireto:** aqui há a presença do narrador; é ele quem relata as falas e as reações das personagens.

Imagine que você presenciou a conversa entre Leandro e o porteiro do prédio. No papel de narrador, reproduza o diálogo deles na terceira pessoa, através do discurso indireto:



Professor (a)

Após a reescrita, explore com os alunos as diferenças estruturais dos dois tipos de discurso. Caso julgue necessário, apresente outros exemplos, ou faça mais atividades de reescrita. Os sinais de pontuação e os verbos *dicendi* também podem ser trabalhados com a turma.



Para saber mais sobre os tipos de discurso, acesse o *link*

<https://www.youtube.com/watch?v=2XcMASxk4oM&t=455s>

V. Produção textual

Parte 1

Antes da produção textual, vamos ouvir uma música que também denuncia uma das faces do racismo, assim como a crônica “Barrado no prédio”.



<https://www.youtube.com/watch?v=kVmOD1CtcPM>

A música “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro” está no álbum “O Rappa”, de 1994 (primeiro da banda). O álbum leva o nome do grupo e a música é uma composição de Marcelo Yuka.

❖ Observe os seguintes versos da canção:

“Tudo começou quando a gente conversava

Naquela esquina, esquina
 Veio os zomens e nos pararam
 Documento por favor, favor, favor
 Mas eles não paravam
 Qual é negão? Qual é negão?
 O que que tá pegando?""

- ❖ Que situação, recorrente nas regiões periféricas dos centros urbanos, é descrita nesses versos?
- ❖ Agora, observe o refrão:

“Todo camburão tem um pouco de navio negreiro (todo todo todo todo camburão)”

Que mensagem ele transmite?

Parte 2

Professor (a),

Após ouvir a música e realizar a discussão, será necessário preparar a turma para a atividade de produção textual, que consiste em uma atividade de retextualização. Para tanto, é necessário:

1. Explicar o que é retextualização (produção de um novo texto a partir de um texto-base, sendo os textos de modalidades diferentes; no dia a dia, praticamos a retextualização quando contamos a alguém o que vimos na TV ou ouvimos no rádio, bem como quando reproduzimos verbalmente algo que presenciamos e também ao resumir um texto).
2. A atividade consistirá em retextualizar uma tirinha, portanto, será necessário trabalhar com a turma como as marcas da oralidade são representadas na escrita.
3. Além disso, pode ser necessário orientar a leitura de tirinhas (quadrinhos), tendo em vista as características de textos híbridos, para melhorar a compreensão, fundamental para realizar a retextualização.
4. Sugiro que seja feita com a turma uma atividade prévia (como a exemplificada abaixo), a fim de que os estudantes compreendam melhor a tarefa.

Sugestão de atividade prévia de retextualização:

1. Leiam a tirinha a seguir:



2. Qual a cor do lápis normalmente considerado “cor de pele”? Por que Sofia ao invés de entregar-lo ao irmão, perguntou qual lápis ele queria?
3. Pedro nunca havia pensado na questão levantada pela irmã. E você, já havia pensado nisso?

(Durante a discussão, observe se os alunos compreenderam porque não é adequado dizer que o lápis de determinada tonalidade é “cor de pele”. Chame a atenção deles para os elementos não verbais, tais como as cores dos irmãos e dos desenhos no último quadrinho. Tais informações serão importantes para a reescrita.)

4. Vamos agora retextualizar a tirinha, narrando em terceira pessoa e utilizando apenas discurso indireto.

(Peça para os alunos fazerem um rascunho no caderno; depois, faça uma versão coletiva com a turma, anotando no quadro.)

Sugestão de resposta:

Sofia e Otto estavam desenhando e havia vários lápis coloridos sobre a mesa. Otto, animado, pediu emprestado à irmã o lápis “cor de pele”. Sofia questionou qual lápis “cor de pele” o irmão queria, porque existem diferentes cores de pele. Otto, intrigado, afirmou que nunca havia pensado naquilo. Por fim, Sofia e Otto desenharam crianças de diferentes cores de pele.

Parte 3

1. Em dupla, leia a história em quadrinhos a seguir:



- a) Compartilhe com seu colega o que você entendeu, suas impressões sobre o conteúdo do texto e a relação dessa história com os demais textos lidos no decorrer das atividades desta sequência.
- b) Em dupla, retextualize a tirinha de Leandro Assis e Triscila Oliveira; narrando em terceira pessoa e usando o discurso indireto apenas.



Para ler outras tirinhas de Leandro Assis e Triscila Oliveira, acesse os perfis:

@leandro_assis_ilustra

@soulanja

Acesse também:

@pretararaoficial

@movimentomaesdemaio



Professor (a)

Os alunos podem considerar a tarefa difícil, especialmente se for a primeira vez que fazem a retextualização dessa forma. Auxilie e oriente as duplas na realização da tarefa. Chame a atenção deles para as alterações dos tempos verbais, pronomes, adjuntos adverbiais, bem como para a necessidade de eliminar repetições e hesitações características da fala (incluindo gírias e palavrões também). Reserve um momento para analisar os resultados com os alunos e registre os conteúdos que precisam ser trabalhados com a turma a partir das produções.



Os textos e músicas presentes neste roteiro possibilitam inúmeros desdobramentos para se trabalhar o tema “racismo”. Aqui apresentamos alguns; caso haja tempo e ambiente, podem ser feitas atividades interdisciplinares com os professores de História / Sociologia sobre a escravidão e seus resquícios na sociedade brasileira; Arte também pode ser incluída, tendo em vista as obras de Debret reproduzidas na tirinha “A escravidão realmente acabou? ”

ROTEIRO PEDAGÓGICO 5

Eminência suburbana! Os incomodados que...

Objetivos:

- ✓ Aprimorar a leitura e a compreensão de texto.
- ✓ Relacionar a temática do texto lido a fatos da realidade.
- ✓ Relacionar textos diferentes com temática semelhante.
- ✓ Identificar as partes estruturais da narrativa e o foco narrativo.
- ✓ Analisar o uso dos pronomes pessoais.
- ✓ Refletir sobre direito à cidade e produzir um *podcast* como resultados das reflexões.

Recursos necessários:

- ✓ Sala de aula com cadeiras organizadas em círculo (ou semicírculo).
- ✓ Quadro e marcador para quadro branco;
- ✓ Cópias dos textos e das atividades para os alunos;
- ✓ Televisão;

Duração prevista

- ✓ 6 (seis) tempos de aula.

Desenvolvimento

- ✓ Caso seja possível, permitir que os alunos acessem a notícia no laboratório de informática ou no celular.
- ✓ Exibição do clipe e realização de debate a partir do vídeo.
- ✓ Leitura em voz alta de alguns trechos do texto pelo (a) professor (a) ou aluno (a).
- ✓ Após a leitura, tecer alguns comentários sobre o autor, especialmente acerca de sua origem e realizar as atividades da seção “Estudo do texto – compreensão”.
- ✓ Na seção “estudo do texto – aspectos linguísticos”, é preciso realizar as atividades e trabalhar os conceitos apresentados.
- ✓ Orientar e auxiliar os alunos durante a produção textual.

- ✓ É importante criar um ambiente acolhedor para que todos se sintam confortáveis para expor suas ideias.

I – Antes da leitura, reflexão

Você sabe o que é um “rolezinho”? Entre 2013/2014, jovens paulistanos combinavam encontros pelas redes sociais e se reuniam em massa nos *shoppings* de São Paulo. Saiba mais lendo a reportagem <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>

Agora, vamos assistir ao videoclipe da música “Eminência Parda”, de Emicida. Observe a relação entre a reportagem e as cenas do clipe.



<https://www.youtube.com/watch?v=fXHpmuPJ4Ks>

Pausa para o debate:

- ✓ Na tira de papel que você recebeu, escreva uma palavra resumindo o sentimento que presença da família negra provocou nos clientes brancos do restaurante.
- ✓ Dobre cuidadosamente e, ao sinal do professor (ou da professora) jogue o papel e direção à frente da sala.
- ✓ Em seguida, cada aluno levantará e pegará um papel, dirá que palavra há nele expressará sua opinião, dizendo se concorda ou não com o que foi colocado no papel.

II – Hora da leitura

O que você faria se as pessoas o vissem como uma ameaça? Leia, em casa, o conto abaixo e descubra como o personagem principal da história decidiu solucionar essa questão. Na próxima aula realizaremos atividades a partir deste texto.

Espiral

Geovani Martins

Começou muito cedo. Eu não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola, eles tremiam quando meu bonde passava. Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na nossa própria escola, não metíamos medo em ninguém. Muito pelo contrário, vivíamos fugindo dos moleques maiores, mais fortes, mais corajosos e violentos. Andando pelas ruas da Gávea, com meu uniforme escolar, me sentia um desses moleques que me intimidavam na sala de aula. Principalmente quando passava na frente do colégio particular, ou quando uma velha segurava a bolsa e atravessava a rua pra não topar comigo. Tinha vezes, naquela época, que eu gostava dessa sensação. Mas, como já disse, eu não entendia nada do que estava acontecendo.

As pessoas costumam dizer que morar numa favela de Zona Sul é privilégio, se compararmos a outras favelas na Zona Norte, Oeste, Baixada. De certa forma, entendo esse pensamento, acredito que tenha sentido. O que pouco se fala é que, diferente das outras favelas, o abismo que marca a fronteira entre o morro e o asfalto na Zona Sul é muito mais profundo. É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada, atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, pra depois de quinze minutos estar de frente pra um condomínio, com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros.

Nunca esquecerei da minha primeira perseguição. Tudo começou do jeito que eu mais detestava: quando eu, de tão distraído, me assustava com o susto da pessoa e, quando via, era eu o motivo, a ameaça. Prendi a respiração, o choro, me segurei, mais de uma vez, pra não xingar a velha que visivelmente se incomodava de dividir comigo, e só comigo, o ponto de ônibus. No entanto, dessa vez, ao invés de sair de perto, como sempre fazia, me

aproximei. Ela tentava olhar pra trás sem mostrar que estava olhando, eu ia chegando mais perto. Ela começou a olhar em volta, buscando ajuda, suplicando com os olhos, daí então colei junto dela, mirando diretamente a bolsa, fingindo que estava interessado no que pudesse ter ali dentro, tentando parecer capaz de fazer qualquer coisa pra conseguir o que queria. Ela saiu andando pra longe do ponto, o passo era lento. Eu a observava se afastar de mim. Não entendia bem o que sentia. Foi quando, sem pensar em mais nada, comecei a andar atrás da velha. Ela logo percebeu. Estava atenta, dura, no limite de sua tensão. Tentou apertar o passo pra chegar o mais rápido possível a qualquer lugar. Mas na rua era como se existíssemos apenas nós dois. Por vezes eu aumentava minha velocidade, ia sentindo o gosto daquele medo, cheio de poeira de outras épocas. Depois diminuía um pouco, permitindo que ela respirasse. Não sei quanto tempo durou tudo aquilo, provavelmente não mais que alguns minutos, mas, para nós, era como se fosse toda uma vida. Até que ela entrou numa cafeteria e segui meu caminho.

Passado o turbilhão, fiquei com nojo de ter ido tão longe, lembrando da minha avó, imaginando que aquela senhora também devia ter netos. Porém, esse estado de culpa durou pouco, logo lembrei que aquela mesma velha, que tremia de pavor antes mesmo que eu desse qualquer motivo, com certeza não imaginava que eu também tivera avó, mãe, família, amigos, essas coisas todas que fazem nossa liberdade valer muito mais do que qualquer bolsa, nacional ou importada.

Por mais que às vezes me parecesse loucura, sentia que não poderia parar, já que eles não parariam. As vítimas eram diversas: homens, mulheres, adolescentes, idosos. Apesar da variedade, algo sempre os unia, como se fossem todos da mesma família, tentando proteger um patrimônio comum.

Veio a solidão. Ficava cada vez mais difícil enfrentar qualquer assunto banal. Nem nos livros conseguia me concentrar. Não queria saber se chovia ou fazia sol, se no domingo daria Flamengo ou Fluminense, se Carlos terminou com Jaque, se o cinema estava em promoção. Meus amigos não entendiam. Não podia contar o motivo de minhas ausências, e, aos poucos, fui sentindo que me afastava de gente realmente importante para mim.

Com o passar do tempo essa obsessão foi ganhando forma de pesquisa, estudo sobre relações humanas. Passei então a ser tanto cobaia quanto realizador de uma experiência. Começava a entender com clareza meus movimentos, decifrar os códigos dos meus instintos. No entanto, a dificuldade de entender as reações de minhas vítimas foi se mostrando cada vez maior. São pessoas que vivem num mundo que eu não conheço. Sem contar que o tempo que tenho para analisá-las frente a frente é curto e confuso, já que preciso atuar simultaneamente. Percebendo isso, cheguei à conclusão de que precisaria me concentrar num único indivíduo.

Não foi nada fácil encontrar essa pessoa. Me perdia entre as personalidades, não conseguia escolher. Tinha medo. Até que um dia, andava pela rua, era noite alta, um homem virou a esquina no mesmo momento que eu, trombamos. Ele levantou os braços, se rendendo ao assalto. Eu disse: “Fica tranquilo. E vai embora”. Depois de muito tempo sentia mais uma vez aquele ódio primeiro, descontrolado, aquele que enche os olhos d’água. Há tempos já tinha, me abstraído da humilhação, e até mesmo da vingança. Encarava o desafio com o olhar cada vez mais distante, científico. Mas alguma coisa nos movimentos daquele homem – o levantar de braços, a expressão de terror – fez reacender aquela chama do dia em que fui atrás da primeira vítima. Era ele. Só podia ser ele. Esperei um pouco e fui atrás, invisível.

Mário é o nome dele. Conseguí pescar essa informação observando de perto, próximo ao seu local de trabalho, enquanto ele cumprimentava seus conhecidos pela rua. Tem duas filhas pequenas, uma pela casa dos sete, oito anos, a outra com quatro, no máximo cinco. Não consegui descobrir o nome delas, pois, quando estava com a família, eu acompanhava de longe, pra não atrair suspeitas. Acabei batizando de Maria Eduarda a mais velha e Valentina a mais nova. Nomes compatíveis com suas carinhas de crianças bem alimentadas. À esposa dei o nome de Sophia. Olhando a partir da minha distância, pareciam felizes. No dia em que foram fazer um piquenique no Jardim Botânico, brincavam, comiam bolos, doces, observavam juntos as plantas. Um verdadeiro comercial de margarina, com exceção da babá, que os seguia toda de branco.

Durante o primeiro mês, forcei nosso encontro muitas vezes. Em algumas ele ficou intimidado com minha presença, em outras parecia não notar ou não se importar. Eu ficava me perguntando quando é que ele daria conta de minha existência. Três meses. Até o dia em que li em sua expressão o horror da descoberta. Muita coisa mudou depois disso. Mário passou a ser outra pessoa. Sempre preocupado, olhando em volta. Eu observava. Às vezes o perseguia claramente, via sua tensão crescer, até quase explodir. Então parava, entrava em algum lugar, fingia naturalidade.

Chegamos ao momento presente. Passei uns dias rondando um pouco mais perto de sua casa. O que antes era privilégio, morar perto do trabalho, virou um dos seus maiores motivos de preocupação. Ele tentava me despistar dando voltas pelos quarteirões, mas seu esforço era inútil, já que há bastante tempo eu sabia onde ficava seu apartamento. Foram dias complicados pra ambas as partes, eu sentia que dava um passo definitivo, só não tinha certeza de onde me levaria esse caminho. Até que entramos na jogada final. Comecei a segui-lo, como das outras vezes, num lugar próximo a sua casa. Mas dessa vez ele não fez questão de me despistar, pelo contrário, pegou o caminho mais rápido até o apartamento. Suava pelas ruas, a cara vermelha. Também eu tremia diante das possibilidades de desfecho.

Ele entrou no prédio, cumprimentou o porteiro feito máquina, subiu. Apenas uma janela. Era o que se mostrava do apartamento no meu campo de visão. Fiquei mirando fixamente aquele ponto, sem me esconder dessa vez; se eu o visse, também ele me veria. Alguns minutos depois apareceu Mário, completamente transtornado, segurava uma pistola automática. Sorri pra ele, percebendo naquele momento que, se quisesse continuar jogando esse jogo, precisaria também de uma arma de fogo.

MARTINS, Geovani. Espiral. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Geovani Martins nasceu em 1991, em Bangu, no Rio de Janeiro. Trabalhou como “homem-placa”, atendente de lanchonete, garçom em bufê infantil e barraca de praia. Em 2013 e 2015, participou das oficinas da Festa Literária das Periferias, a Flup. Publicou alguns de seus contos na revista Setor X e foi convidado duas vezes para a programação paralela da Flip. *O Sol na Cabeça*, seu primeiro livro, publicado pela Companhia das Letras, vendeu mais de 50 mil exemplares e, antes mesmo de ser publicado, foi vendido para nove países.



III- Estudo do texto - compreensão

Professor (a),

Comece a aula sondando se os alunos leram o conto. Caso a maioria tenha lido, peça que alguns façam, oralmente, um resumo da história. Seria interessante ler alguns trechos com a turma antes de realizar as atividades de compreensão.

Todavia, caso a maioria não tenha lido, conceda alguns minutos para que façam a leitura de forma silenciosa e, em seguida inicie as atividades de compreensão.

Parte 1

- Desta vez, no lugar das questões, segue uma proposta de atividade em grupo.

Passo a passo da atividade:

1. Peça que os alunos se organizem em grupos de quatro integrantes (podem ser também duplas ou trios dependendo do número de alunos em sala);
2. Distribua a tabela e as tarjetas e explique que a tarefa consiste em organizá-las de acordo com a ordem dos acontecimentos narrados no conto (aqui eles já entrarão em contato com a estrutura da narrativa);
3. Pode ser uma pequena competição: o grupo que acabar primeiro deve avisar, caso o preenchimento da tabela esteja correto, o grupo vence. Faça a conferência somente quando todos os grupos terminarem, desta forma, caso haja algum erro os demais ainda têm chance de ganhar (vale levar balas ou pirulitos para toda a turma e chocolate para os vencedores).
4. Ao final, refaça a tarefa coletivamente, repassando com a turma as partes estruturais da narrativa.

Conto *Espiral*, de Geovani Martins

INTRODUÇÃO	Apresentação (Situação inicial)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desde cedo o narrador percebeu que quando o bonde dele passava incomodava os moleques da escola particular. ▪ Há abismos profundos entre a favela e o asfalto; são muitas contradições que dificultam a convivência entre esses dois mundos.
DESENVOLVIMENTO	Conflitos (Acontecimentos que quebram o equilíbrio da introdução)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Primeira perseguição à velha do ponto de ônibus. ▪ Não conseguia parar; eram várias vítimas: homens, mulheres, adolescentes, idosos. ▪ Solidão. Aos poucos se afastava das pessoas que realmente amava por conta da obsessão. ▪ A dificuldade de entender as reações das vítimas foi aumentando; por isso precisou mudar a estratégia. Decidiu perseguir apenas uma pessoa. Mário. Três meses de perseguição. A vítima, horrorizada, descobre-se alvo.
CLÍMAX (Momento mais tenso e emocionante da história)		<ul style="list-style-type: none"> ▪ O perseguidor ronda perto da casa da vítima. No início. A vítima tentava despistar o narrador, depois parou e pegou o caminho mais rápido até o apartamento. A vítima suava. O perseguido tremia.
CONCLUSÃO	Desfecho (Resolução dos conflitos)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mário entrou prédio apressado. O perseguidor, sem se esconder. Mirava a única janela que conseguia ver. Eis que Mário aparece na janela com uma pistola automática na mão e o narrador se dá conta de que precisaria se armar também.

❖ Tabela e tarjetas para serem entregues aos grupos.

Conto <i>Espiral</i> , de Geovani Martins		
INTRODUÇÃO	Apresentação (Situação inicial)	
DESENVOLVIMENTO	Conflitos (Acontecimentos que quebram o equilíbrio da introdução)	
CONCLUSÃO	Clímax (Momento mais tenso e emocionante da história)	

Desde cedo o narrador percebeu que quando o bonde dele passava incomodava os moleques da escola particular.

Há abismos profundos entre a favela e o asfalto; são muitas contradições que dificultam a convivência entre esses dois mundos.

Primeira perseguição à velha do ponto de ônibus.

Não conseguia parar; eram várias vítimas: homens, mulheres, adolescentes, idosos.

Solidão. Aos poucos se afastava das pessoas que realmente amava por conta da obsessão.

A dificuldade de entender as reações das vítimas foi aumentando; por isso precisou mudar a estratégia.

Decidiu perseguir apenas uma pessoa. Mário. Três meses de perseguição. A vítima, horrorizada, descobre-se alvo.

O perseguidor ronda perto da casa da vítima. No início. A vítima tentava despistar o narrador, depois parou e pegou o caminho mais rápido até o apartamento. A vítima suava. O perseguido tremia.

Mário entrou prédio apressado. O perseguidor, sem se esconder. Mirava a única janela que conseguia ver. Eis que Mário aparece na janela com uma pistola automática na mão e o narrador se dá conta de que precisaria se armar também.

Parte 2

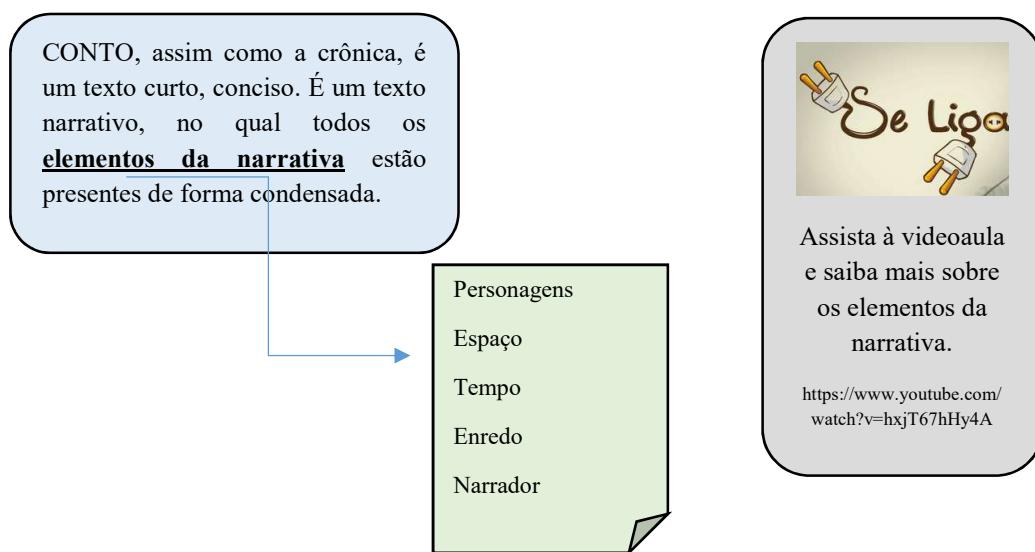
Ainda em grupo, respondam, por escrito, à seguinte questão:

Qual a relação entre os três textos analisados até aqui: a notícia, a música e o conto?

Compartilhe as respostas com os demais grupos!

IV – Estudo do texto – aspectos linguísticos

❖ “Espiral”, texto de Geovani Martins que lemos anteriormente, é um conto.



❖ Como vimos na atividade da seção “Estudo do texto – compreensão”, o texto narrativo, normalmente, apresenta a seguinte estrutura:

INTRODUÇÃO (Apresentação; situação inicial)	<ul style="list-style-type: none"> Parte da narração em que são apresentados seus principais elementos: espaço, tempo, personagens, enredo, narrador.
DESENVOLVIMENTO (Corresponde ao desenrolar da história)	<ul style="list-style-type: none"> Conflitos: acontecimentos que quebram o equilíbrio da introdução, modificando a situação inicial. Clímax: momento mais tenso e emocionante da história.
CONCLUSÃO (Desfecho)	<ul style="list-style-type: none"> Parte em que os conflitos são resolvidos, positiva ou negativamente.

❖ **Agora, vejamos o trecho inicial do conto “Espiral”:**

Começou muito cedo. Eu não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola, eles tremiam quando meu bonde passava.

Logo no início fica claro que quem está contando a história também participa dela. Ou seja, os acontecimentos são contados a partir do ponto de vista do personagem principal, que narra e participa da história.

A partir do ponto de vista do qual a história é narrada (foco narrativo), teremos:

- ✓ **Narrador-personagem**: conta em primeira pessoa a história da qual também participa como personagem.

- ✓ **Narrador-observador**: não participa da história como personagem; narra os acontecimentos em terceira pessoa.
- ✓ **Narrador-onisciente**: narra a história em terceira pessoa, mas, às vezes, se permite certas intromissões em primeira pessoa. Não participa da narrativa como personagem, mas as conhece profundamente.

❖ **Retomemos agora todo o primeiro parágrafo do conto:**

Começou muito cedo. **Eu** não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola, **eles** tremiam quando meu bonde passava. Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e **eu**, na nossa própria escola, não metíamos medo em ninguém. Muito pelo contrário, vivíamos fugindo dos moleques maiores, mais fortes, mais corajosos e violentos. Andando pelas ruas da Gávea, com meu uniforme escolar, me sentia um desses moleques que me intimidavam na sala de aula. Principalmente quando passava na frente do colégio particular, ou quando uma velha segurava a bolsa e atravessava a rua pra não topar comigo. Tinha vezes, naquela época, que **eu** gostava dessa sensação. Mas, como já disse, **eu** não entendia nada do que estava acontecendo.

As palavras em destaque, “eu” / “eles”, são **pronomes pessoais**. Através deles sabemos quem fala (“eu”) e de quem se fala (“eles”). Todo o texto será construído a partir da dualidade “eu x eles”; o pronome de primeira pessoa se refere ao protagonista, jovem favelado alvo dos olhares desconfiados e do medo das pessoas do asfalto, às quais o pronome de terceira pessoa faz referência.

Os **pronomes pessoais** permitem a identificação das pessoas gramaticais. São eles:

	SINGULAR	PLURAL
1 ^a pessoa	Eu	Nós
2 ^a pessoa	Tu, você	Vós, vocês
3 ^a pessoa	Ele, ela	Eles, elas

- ❖ Agora releia o primeiro parágrafo do conto e observe que as palavras que acompanham e se referem aos pronomes pessoais, concordam com eles.

ATIVIDADE

Coloque-se na posição de narrador-observador e reescreva o primeiro parágrafo do conto na terceira pessoa. Não se esqueça de fazer as devidas adaptações.



Professor (a)

Após a reescrita, observe se os alunos fizeram as devidas adaptações, especialmente quanto à concordância dos verbos com a pessoa gramatical. Reserve um tempo para rever as respostas caso os alunos apresentem dificuldade.

V – Produção textual**❖ Releia o último parágrafo do conto:**

Ele entrou no prédio, cumprimentou o porteiro feito máquina, subiu. Apenas uma janela. Era o que se mostrava do apartamento no meu campo de visão. Fiquei mirando fixamente aquele ponto, sem me esconder dessa vez; se eu o visse, também ele me veria. Alguns minutos depois apareceu Mário, completamente transtornado, segurava uma pistola automática. Sorri pra ele, percebendo naquele momento que, se quisesse continuar jogando esse jogo, precisaria também de uma arma de fogo.

Pesquisa de opinião

- ✓ Você concorda com o comportamento do narrador-personagem, protagonista do conto, desde a perseguição até a ideia de ter uma arma de fogo? Justifique sua resposta.



Entregue sua resposta ao professor / à professora ou ao grupo responsável pela organização da atividade. As respostas serão compartilhadas com a turma na forma de gráficos e índices percentuais.

- **Professor (a)**, combine com a turma quem ficará responsável pelo levantamento dos dados e confecção dos gráficos. É possível também ordenar as respostas e construir os gráficos coletivamente. Caso seja uma tarefa difícil para os alunos, talvez seja o caso de trabalhar em parceria com o professor de matemática, a fim de aprimorar a transposição da linguagem verbal para a linguagem numérica.

Ampliando a discussão



- ❖ **Professor (a)**, o conto “Espiral”, ao narrar o incômodo que a presença do jovem favelado causa nas pessoas do “asfalto” e os desdobramentos decorrentes desse incômodo, possibilita a reflexão acerca do direito à cidade. Para tanto sugiro os seguintes vídeos a fim de fomentar a discussão:
 - <https://www.youtube.com/watch?v=eYeZA73Bdzc>
 - https://www.youtube.com/watch?v=ZqgWPS_DE98
 - <https://www.youtube.com/watch?v=MMPNnxvBsms>
- ❖ Um deles pode ser exibido na turma ou algum outro, de modo a apresentar a discussão aos alunos. Esta atividade pode ser feita em parceria com professores de História / Geografia / Sociologia, que poderiam trabalhar a questão em uma perspectiva histórica, geográfica e sociológica, refletindo com os alunos acerca da temática.
- ❖ É recomendável também perguntar aos alunos como é a relação deles com a cidade onde vivem, por quais espaços circulam, se há lugares em que se consideram mal vistos etc.
- ❖ Ao final, os alunos podem ser convidados a gravar um *podcast*, a fim de compartilhar com a comunidade escolar todo o conhecimento construído no decorrer das atividades. No programa, o conto poderia ser apresentado resumidamente e os resultados da pesquisa de opinião, culminando na discussão

sobre direito à cidade, levando em conta, principalmente, as relações deles com a cidade onde vivem. Há inúmeros aplicativos gratuitos para a gravação de *podcasts*, deixo duas sugestões: Anchor e Spreaker.

- ❖ O programa pode ser disponibilizado nas redes sociais da escola.

ROTEIRO PEDAGÓGICO 6

Suburbanas lutas!!!

Objetivos:

- ✓ Ler e compartilhar as impressões com os colegas;
- ✓ Debater e refletir acerca da temática social presente no texto lido;
- ✓ Analisar os efeitos dos substantivos comuns e próprios no texto lido;
- ✓ Identificar as diferenças formais entre linguagem oral e escrita.

Recursos necessários:

- ✓ Sala de aula com cadeiras organizadas em círculo (ou semicírculo);
- ✓ Quadro e marcador para quadro branco;
- ✓ Cópias dos textos e das atividades para os alunos;
- ✓ Televisão.

Duração prevista: 6 (seis) aulas (uma semana)

Desenvolvimento:

- ✓ Leitura compartilhada do texto (pode ser feita pelo professor ou por um aluno);
- ✓ É recomendável que o professor teça comentários sobre o texto e convide os alunos a fazer o mesmo (ler as informações sobre o autor e sobre o gênero, o assunto principal, partes relevantes, o que mais chamou a atenção da turma, dúvidas sobre o vocabulário etc);
- ✓ Após o momento anterior, explique aos alunos que eles devem, em silêncio responder às perguntas da seção “Estudo do texto: compreensão”. Vale combinar previamente com a turma o compartilhamento das respostas;
- ✓ É fundamental que os alunos se sintam confortáveis para se expressar. Para tanto, pode ser necessário conversar com a turma sobre a importância de respeitar a fala do outro, bem como posicionamentos divergentes.

I. Hora da leitura

Leremos juntos a crônica DÉBITO OU CRÉDITO, de Anderson França.

DÉBITO OU CRÉDITO

Agora há pouco, no Boulevard Shopping, Vila Isabel.

Ela, negra, talvez 30 e poucos, nitidamente cansada.

A pessoa quando leva uma vida dura, amigo, a postura entrega. Não tem yoga que corrija silhueta de trabalhador.

Bolsa surrada no ombro.

Numa mão, o cartão do Bradesco ainda com o adesivo – sabe aquele adesivo que vem junto quando o cartão é novo? – e o filho, uns 5 anos, em pé, pegando na mão esquerda.

O menino me olhava. E se escondia, de leve, na perna dela. No caixa do Bob's, ela olhava o menu.

Depois de algum tempo, e de conversar com o filho, decidiu. Ainda insegura, aproximou o cartão da máquina.

Também já estranhei o cartão.

A pessoa quando leva uma vida dura, amigo, na boca do caixa se entrega.

- Deu 19 reais senho...

- 19? Hmm. 19 não dá.

Silêncio.

Ela olha pro filho.

Olha, meu camarada. Tem coisas que você não pode fingir que não vê. Você erra porque você finge. Mas tu tá errado.



Anderson França, ou Dinho, nasceu em 1975 no Rio de Janeiro. Foi porteiro, camelô, vendedor de revista, ativista social e empreendedor. Criou a Dharma ACC, uma agência de publicidade na Maré; realizou o primeiro TEDx numa favela carioca, O TEDxMaré; também formou a maior escola de negócios populares do Rio, a Universidade Correria, e a Casa Dharma, uma casa colaborativa na Zona Norte.

Palestrante, professor e narrador do seu cotidiano pelas redes sociais, já trabalhou em projetos para a Rede Globo, *Conspiração*

Eu já ia ver o que tinha no bolso quando ela decidiu levar outra coisa, eu fiquei numa de sem saber se chegava, se não.

Na real, era o menino que queria um shake.

Quem de vocês já raspou moedas pra bancar um dicumê, um qualquer parada pra aliviar a pressão?

Ser trabalhador, ser mulher, negra, com filho, com, sei lá, 15 reais no cartão, e querer dar algo pra ele, ser trabalhador nesse país é uma merda.

Não disse ser “pobre”, ser “vagabundo”, disse: ser trabalhador.

Vivi anos da minha vida numa falta de dignidade, cheio de raiva de mim e do mundo, porque não conseguia um emprego que me desse onda, que me desse pose de patrão, que me desse pelo menos condição de quitar luz.

Eu, vocês, milhões de pessoas indo e voltando nos vagões, dia após dia.

Pessoas que chegam em casa depois de 2 horas de Avenida Brasil, e o tiro nem é o maior problema, o maior problema é a sangria que não estanca.

Neguinho da Zona Sul já falando de ressignificação do dinheiro e por aqui nem capitalismo chegou ainda.

O mundo todo é muito injusto.

Não venha com discurso de “vamos pensar o futuro e as práticas globais num evento em NY” porque eu não tenho saco pra isso.

Quem pode debate.

Quem não pode vai se lascando no dia a dia, e você fingindo que não é contigo.



Relembrando:

A crônica é um texto curto, com linguagem simples, coloquial. A partir de acontecimentos cotidianos, o cronista promove uma reflexão em um tom de conversa, estabelecendo, assim, conexão com os leitores. Geralmente a crônica é produzida para meios de comunicação – jornais, revistas, páginas da internet. No entanto, muitas são imortalizadas em livros, como a que lemos em nossa aula.

FRANÇA, Anderson. **Rios em Shamas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

II. Estudo do texto - Compreensão

Parte 1

1. Que acontecimento presenciado pelo cronista tornou-se assunto da crônica?
2. Que reflexões são apresentadas a partir da cena presenciada no shopping?
3. De acordo com o cronista, a vida no Brasil é mais difícil para algumas pessoas. Quais grupos são citados no texto?
4. Em alguns momentos, o autor interage com o leitor. Que palavras ele utiliza para se referir aos seus interlocutores?
5. Releia o último período do texto: “Quem não pode vai se lascando no dia a dia, e você fingindo que não é contigo.” A quem essa frase é dirigida?
- 6.

Parte 2



AMPLIANDO A DISCUSSÃO

1. A cena narrada pelo cronista apresenta dois personagens – mãe e filho. Quais informações sobre a mãe o autor destaca?
2. Para ampliar a discussão vamos assistir ao vídeo “Mulheres negras acumulam piores indicadores sociais no Brasil”, disponível em https://www.youtube.com/watch?time_continue=7&v=Jw0xTZ8RI8U.
3. Qual a relação entre os dados apresentados na reportagem e a personagem da crônica?



Recomenda-se baixar o vídeo e salvar num *pendrive*, pois, em caso de problemas de conexão à internet, a realização da atividade não será comprometida.

- Após o debate, convide os alunos a voltar ao texto;
- Pergunte aos estudantes as palavras que foram usadas para se referir às personagens da cena relatada na crônica – mãe e filho. (Respostas esperadas: “ela”, “pessoa”, “mulher”, “trabalhador”, “filho”, “menino”);
- Em seguida, peça que digam as palavras usadas para identificar os lugares - e o cartão. (Respostas esperadas: “Boulevard Shopping”, “Vila Isabel”, “Bob’s”, “Bradesco”);
- Retome com eles as definições de substantivo comum e próprio.
- Dentre as palavras anotadas no quadro, questione quais são substantivos comuns e quais são próprios, explicitando primeiro o aspecto formal que os diferencia – a letra maiúscula.
- Depois, aprofunde um pouco mais a discussão apresentando a seguinte questão: substantivos comuns nomeiam seres de forma genérica e os próprios de forma particular, única; assim, por que o cronista teria optado por particularizar os lugares e não fazer isso com os personagens? Qual o efeito dessas escolhas no texto?
- Após a discussão, formule uma resposta com a turma, anotando no quadro; peça que os estudantes registrem no caderno.

Sugestão de resposta:

Ao utilizar substantivos próprios para nomear os lugares e o banco, o autor deixa bem marcados espaços representativos na sociedade de consumo (o shopping, a famosa rede de *fast food* e o banco) visto que são altamente valorizados por ela. Em contrapartida, ao utilizar nomes genéricos para se referir às personagens (mãe e filho), estende a situação vivenciada a uma massa inominável de cidadãos que não conseguem usufruir nem sequer do básico; além disso, ao não lhe dar nomes, deixa claro como essas pessoas são invisibilizadas.

III. Estudo do texto: aspectos linguísticos

1. No texto DÉBITO E CRÉDITO, de Anderson França, algumas passagens reproduzem a linguagem típica da oralidade. Isso se justifica, pois, como vimos, a crônica, embora seja escrita, representa uma espécie de conversa em que o cronista interage com o leitor, como se estivessem mesmo face a face. As frases abaixo foram retiradas da crônica que lemos; reescreva-as de modo que fiquem de acordo com a modalidade escrita formal da língua.

- A) “Ela olha pro filho...”
- B) “Mas tu tá errado.”
- C) “(...) eu fiquei numa de sem saber se chegava, se não.”
- D) “Na real, era o menino que queria um shake.”
- E) “Quem de vocês já raspou moedas pra bancar um dicumê, um qualquer parada pra aliviar a pressão?”
- F) “Ser trabalhador, ser mulher, negra, com filho, com, sei lá,
- G) 15 reais no cartão, e querer dar algo pra ele, ser trabalhador
- H) nesse país é uma merda.”



Professor(a),

Reforce as diferenças entre linguagem falada e linguagem escrita, ressaltando que a linguagem de alguns textos escritos se aproxima da oralidade, como a crônica, por exemplo.

Caso julgue necessário, apresente mais frases para que os alunos reescrevam.

Músicas são excelentes fontes! Os próprios alunos podem sugerir uma canção para a turma analisar a letra.



Professor (a), faça a correção com os alunos, anotando as respostas dadas por eles no quadro. Diferentes versões podem aparecer em alguns casos; caso isso ocorra, verifique apenas se a modalidade escrita formal foi usada adequadamente.



Leitura e produção de textos, bem como estudos gramaticais devem caminhar juntos nas aulas de língua materna. Algumas são as possibilidades de propostas de produção textual a partir das atividades desenvolvidas neste roteiro, das mais simples às mais complexas, de acordo com a maturidade linguística da turma. Os discentes podem fazer anotações no caderno, registrando o que estudaram; caso haja um mural da turma na sala de aula (ou em ambiente virtual), comentários podem ser produzidos e compartilhados através dele. Segue abaixo uma proposta que possibilita maiores desdobramentos e, consequentemente, maior ampliação dos conhecimentos linguísticos.

IV. Produção textual

Releia o seguinte trecho da crônica DÉBITO OU CRÉDITO, de Anderson França:

“Quem de vocês já raspou moedas pra bancar um dicumê, um qualquer parada pra aliviar a pressão?

Ser trabalhador, ser mulher, negra, com filho, com, sei lá, 15 reais no cartão, e querer dar algo pra ele, ser trabalhador nesse país é uma merda.

Não disse ser ‘pobre’, ser ‘vagabundo’, disse: ser trabalhador.”



Será mesmo difícil ser trabalhador no Brasil? Por quê?

Sua tarefa é a seguinte:

1. Converse com os trabalhadores da sua família ou da sua vizinhança. Pergunte a eles se é difícil ser trabalhador no Brasil e por quê. Se achar necessário, faça anotações do que lhe chamar mais atenção durante a conversa.

2. Escreva um texto relatando o que você ouviu e também suas próprias impressões sobre a vida dos trabalhadores brasileiros. Atenção à data de entrega!
3. Orientações: seu texto dever no mínimo 15 (quinze) e no máximo 30 (trinta) linhas.



É fundamental reservar um momento para a revisão dos textos. A ideia não é corrigir, e sim, revisar as produções; o papel do professor deve ser de coautor. Caso haja ambiente na turma, uns podem revisar os textos dos outros também. Aspectos formais, estruturais e linguísticos devem ser revistos até que se chegue à versão final dos trabalhos e, assim, partir para a etapa seguinte.



Durante a revisão, cabe ao docente observar e registrar os problemas recorrentes nos textos dos alunos para, a partir deles, nortear a seleção dos conteúdos gramaticais a serem trabalhados nas aulas.

Sobre a etapa seguinte...

De acordo com Geraldi (2013), são “condições necessárias à produção de textos: a) (que) se tenha o que dizer; b) (que) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) (que) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor diz o que diz para quem diz; e) se escolhem estratégias para realizar a, b, c e d.”

Até mesmo os textos produzidos nas aulas precisam ser destinados a interlocutores reais ou possíveis. Assim, o professor pode apresentar à turma alternativas, como a confecção de um jornal mural, por exemplo. Para a tarefa desenvolvida nesta atividade, um desdobramento interessante seria a organização de uma conferência para apresentar os trabalhos e debater o tema “trabalhadores brasileiros”. Para tanto, as produções devem ser previamente analisadas, observando o que emergiu das conversas entre alunos e os trabalhadores. Uma parceria com professores de História e Sociologia enriqueceria o debate, que poderia tratar de questões como: leis trabalhistas, movimentos sociais, taxas de desemprego e de informalidade, salário mínimo etc. Sugiro as turmas da terceira série do ensino médio como público-alvo.

ROTEIRO PEDAGÓGICO 7

Vida de Maria

Objetivos:

- ✓ Aprimorar a leitura e a compreensão de texto.
- ✓ Relacionar a temática do texto lido a fatos da realidade.
- ✓ Relacionar textos diferentes com temática semelhante.
- ✓ Verificar a importância dos verbos no pretérito na construção de textos narrativos.
- ✓ Reescrever o conto mudando a história.

Recursos necessários:

- ✓ Sala de aula com cadeiras organizadas em círculo (ou semicírculo);
- ✓ Quadro e marcador para quadro branco;
- ✓ Cópias dos textos e das atividades para os alunos;
- ✓ Televisão.

Duração prevista: 6 (seis) aulas (uma semana)

Desenvolvimento:

- ✓ Realizar a atividade “antes da leitura”, estimulando os alunos a reconhecer os sentidos atribuídos ao nome “Maria”.
- ✓ Exibição do vídeo e reflexão acerca da letra da canção.
- ✓ Leitura em voz alta do texto pelo (a) professor (a) ou aluno (a).
- ✓ Após a leitura, tecer alguns comentários sobre o autor, especialmente acerca de sua origem e realizar as atividades da seção “Estudo do texto – compreensão”.
- ✓ Na seção “estudo do texto – aspectos linguísticos”, é preciso realizar as atividades e trabalhar os conceitos apresentados.
- ✓ Orientar e auxiliar os alunos durante a produção textual.
- ✓ É importante criar um ambiente acolhedor para que todos se sintam confortáveis para expor suas ideias.

I – Antes da leitura

- ❖ Leia e observe a palavra abaixo:

MARIA

- ❖ Gramaticalmente, é um substantivo próprio. Mas quais sentidos normalmente atribuímos a esse nome? Pense um pouco, inclusive em expressões conhecidas nas quais esse nome é empregado.
- ❖ Agora, vamos assistir a um vídeo e ouvir a música “Maria Maria”, de Milton Nascimento. Preste atenção às associações feitas ao nome.



<https://www.youtube.com/watch?v=IElS9cxpImA>

https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc&list=RDrlbBD4f3MTc&start_radio=1&t=316

Letra da música disponível

em

<https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>

- ❖ Como a imagem de “Maria” é construída na canção?

II – Hora da leitura

- ❖ Após refletir um pouco sobre o nome “Maria” e ouvir a canção, vamos ler um conto que narra a história de “Uma mulher que merece viver e amar / Como outra qualquer do planeta” – Maria.

Maria

Conceição Evaristo

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão?

A palma de uma das mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no meu peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve

mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinamente, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouco mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E, logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedido aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de conluio com os dois.* Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também.* Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei por quê.* Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembravam vagamente seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Alguém gritou: *Linha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira:

- Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

EVARISTO, Conceição. Maria. **Olhos D'água**. Rio de janeiro: Pallas, 2016.

Conceição Evaristo nasceu numa favela da zona sul de Belo Horizonte. Teve que conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica, até concluir o curso Normal, em 1971, já aos 25 anos. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde passou num concurso público para o magistério e estudos Letras na UFRJ. Na década de 1980, entrou em contato com o Grupo Quilomboje. Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas na série Cadernos Negros, publicada pela organização. É Mestra em Literatura Comparada pela PUC-Rio, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Suas obras, em especial o romance “Ponciá Vicêncio”, de 2003, abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. A obra foi traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 2007.



III – Estudo do texto – Compreensão

Parte 1

1. De que forma o corte na mão de Maria nos indica que algo trágico aconteceria?
2. Por que, provavelmente, a personagem recebeu o nome de Maria?
3. Releia a passagem a seguir: “Era difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinamente, loucas, surgiaram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente.” Levante hipóteses: por que Maria desejava que tudo fosse diferente para seus filhos?
4. Qual a sua opinião sobre a reação dos passageiros do ônibus em relação à Maria? Você concorda com essa reação? Justifique sua resposta.

Parte 2

Ampliando a discussão



- ❖ Você conhece alguma “Maria” como a do conto, ou seja, mulher negra, doméstica que cria e sustenta os filhos sozinha?
- ❖ No Brasil, há inúmeras Marias. Leia a reportagem e saiba um pouco mais acerca dos indicadores socioeconômicos referentes às mulheres brasileiras.

Disponível em: <http://www.geronomero.media/casas-mulheres-negras-pobreza/>

III – Estudo do texto – aspectos linguísticos

❖ “Maria”, texto que lemos, é um conto, texto narrativo composto por personagens, espaço, tempo e narrador. **Verbos**, palavras que indicam uma ação, quando alguém faz algo, um processo, algo que acontece ou um estado são fundamentais nos textos narrativos; normalmente, os fatos narrados já ocorreram, por isso, a maior parte dos verbos aparece no passado. **As formas verbais podem representar algo acabado ou não acabado no passado**, como nas frases a seguir:

- ✓ “Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar.” (“estava” indica um estado de tempo demorado no passado)
- ✓ “Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre suas pernas.” (“apontou” e “abaixou” indicam uma ação acabada no passado)
- ❖ A partir dos sentidos de “ação, processo ou estado acabado” e “ação, processo ou estado não acabado”, os verbos contribuem para a progressão da história ou para a construção de seu pano de fundo (cenário).
- ❖ Analise as frases a seguir, retiradas do conto, e marque o sentido expresso pela forma verbal destacada:

Forma verbal	Contribui para a progressão da narrativa (aspecto acabado)	Contribui para o prolongamento da narrativa (pano de fundo, cenário)
“O preço da passagem <u>estava</u> aumentando tanto! ”		X
“Ela <u>reconheceu</u> o homem. Quanto tempo, que saudades! ”	X	

“O homem <u>falava</u> , mas <u>continuava</u> estático, preso, fixo no banco. ”		
“Desta vez ele cochichou um pouco mais alto. ”		
“O comparsa do ex-homem <u>passou</u> por ela e não <u>pediu</u> nada. ”		
“Maria <u>queria</u> tanto dizer ao filho que o pais havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. ”		

IV – Produção textual

❖ Releia a seguir o final do conto:

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

❖ Será que a história da Maria poderia ter outro desfecho? Por que não?!

❖ Sua tarefa consiste em **mudar a história**. Escolha uma das opções abaixo:

- ✓ Reescrever o final da história, com um desfecho alternativo;
- ✓ Acrescentar uma personagem ou atribuir um papel mais importante a uma personagem já existente;
- ✓ Criar novos episódios no futuro ou no passado das personagens.

❖ É fundamental manter a coerência entre o desenrolar da narrativa e as modificações realizadas. Bom trabalho!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56^a ed. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 5^a ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10^a ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2^a ed. São Paulo: Unesp, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Unesp, 2018.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. **ReVEL**, v. 9, n. 17, p. 334-348, maio 2011. Disponível em <<https://revel.inf.br>> Acesso em 15 de outubro de 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14^a Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ZOTELLI FILHO, Natanael Luiz; MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. O Palavrão: contrastes sociolinguísticos entre as definições dicionarizadas e o emprego prático na fala de jovens de Mato Grosso do Sul. **Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 1, p. 103-118, novembro 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/196/101>> Acesso em: 15 de outubro de 2020.